The background of the cover is a soft, painterly illustration. In the upper half, a light blue silhouette of a person's head and shoulders is shown in profile, facing right. Below this, a vertical green stem rises from the bottom. At the bottom of the cover, there are two large, stylized flowers: a white one on the left and a yellow sunflower on the right. The overall color palette is muted and artistic.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

ROSI NEIDA DA SILVA SOARES

GUIGNOL E MARIONETES DA “PÉPINIÈRE DE NANCY”

(Teatro de jardim, patrimônio cultural e popular de uma cidade francesa)

Porto Alegre

2013

ROSI NEIDA DA SILVA SOARES

GUIGNOL E MARIONETES DA “PÉPINIÈRE DE NANCY”

(Teatro de jardim, patrimônio cultural e popular de uma cidade francesa.)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao programa de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para a revalidação do Diploma Licenciatura em Artes Cênicas da Universidade Francesa – Université de Lorraine (Nancy 2), sob orientação do Professor Doutor João Pedro Alcantara Gil.

Porto Alegre

2013

A todos os arteiros e arteras que encontrei e ainda encontrarei nesta vida, especialmente aqueles que dela já partiram: ao meu pai e aos meus avós em especial ao meu pai e aos meus avós, que se foram antes que eu terminasse meus estudos, e a Ubiratan Porto, meu primeiro mestre de teatro, e que hoje está atuando em outro plano.

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente ao professor e marionetista Philippe Mercy pela disponibilidade, generosidade e colaboração durante esta pesquisa.

Aos meus orientadores, Gilles Lesseroy na França e João Pedro Alcantara Gil, no Brasil, pelo aprendizado, incentivo e preciosos conselhos durante a elaboração deste trabalho.

A todos colegas, técnicos e professores que tive oportunidade de encontrar durante estes dois semestres na UFRGS, em especial à professora Vera Lúcia Bertoni dos Santos, responsável pelo resgate de «souvenires» importantes da minha vida.

À minha família, pelo carinho, mas sobretudo pela paciência e compreensão nos meus momentos de ausência (sempre apoiando minhas idas e vindas), assim como todos os “arteiros”, artistas, companheiros e amigos que encontrei durante esta caminhada na busca dos meus sonhos.

Agradeço especialmente ao meu eterno diretor Ubiratan Porto, por ter nos apresentado: Eu e o Teatro. Agradeço por ter facilitado essa relação de amor que tenho por esta arte, que se tornou essencial para mim, o TEATRO!

« Avec son castelet géant, ses marionnettes très artistiques, ses décors splendides et sa mise en scène lumineuse. De la bonne et saine gaieté Française. (...) Répertoire varié et spécialement choisi, le seul spectacle qui réjouisse pleinement les enfants. »

(Zilliox dans ses affiches du Guignol)

« Guignol est né en dehors des modes, en dehors des esthétiques et des bornes culturelles. Il est né démodé, il est né marionnette. Il est de tilleul et de drap. Si la main en lui est vie et si la voix sous lui est claire, elles sont sa vie et sa voix. C'est ainsi que son histoire est une succession de fidélités paradoxales, une succession de bonheurs et d'amours contrariées »

(Paul Fourne, « Guignol » **Les Mourguet**)

RESUMO

O presente trabalho propõe uma reflexão a respeito do teatro de Guignol e do teatro de marionetes, que se sucederam respectivamente, no Parque da Pépinière. Apresentadas em um teatro de jardim, esses gêneros teatrais, com o passar dos anos tornaram-se patrimônio cultural e popular de Nancy, cidade francesa.

Para compor esse trabalho, foram estudados documentos históricos, correspondências, artigos de jornal, vídeos e fotos sobre os ocupantes do Teatro de Castelet da Pépinière. representados pelos diretores : Paul Cordier (1934 à 1953), Jean Zilliox (1955 à 1996) e Philippe Mercy (1997 à hoje).

A partir desse levantamento informativo e de sua análise, busca traçar um panorama da história e da importância do teatro de jardim, para cidade de Nancy, sendo ele um teatro de marionetes direcionado para o público infantil.

Palavras-chaves: Teatro de Guignol; Teatro de Jardim; Marionetes; Teatro Infantil; Parque da Pépinière de Nancy; Teatro Francês; Produção Teatral da Região Lorraine.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO..... | 08 |
| 1. MINHAPETIT HISTORIA | 11 |
| 1.1 <i>Jogos e vivencias de uma criança “arteira”</i> | 11 |
| 1.2 <i>Arteira, “Glaneuse de Savoir”</i> | 17 |
| 2. HISTORIA E ORIGENS..... | 22 |
| 2.1A <i>Pépinière, Teatro (Palco)de manifestações artísticas e populares da cidade de Nancy</i> | 22 |
| 2.2 <i>Guignol, uma marionete</i> | 23 |
| 3. PERÍODO PRÉ E PÓS GUERRA : PAUL CORDIER (1934 à 1953)..... | 25 |
| 3.1 <i>Guignol Paul Cordier, o pioneiro</i> | 25 |
| 3.2 <i>A construção do Théâtre de Castelet</i> | 28 |
| 4. O PERÍODO ZILLIOX (1955 à 1996)..... | 29 |
| 4.1 <i>A Sociéte Guignols de France, umatrupe familiar</i> | 33 |
| 4.2 <i>Família Zilliox e a apropriação do Castelet</i> | 34 |
| 5. O PERÍODO MERCY (1997 até Hoje)..... | 39 |
| 5.1 <i>A transição</i> | 39 |
| 5.2 <i>Philippe Mercy: o homem- orchestra do Théâtre Les Marionnettes de la Pépinière.</i> | 41 |
| 5.3 <i>A Compagnie Mercy e a apropriação do espaço</i> | 42 |
| 5.4 <i>A Fabricação das Marionetes</i> | 51 |
| CONCLUSÃO..... | 53 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 55 |
| REFERÊNCIAS | 56 |
| ANEXOS | 59 |

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso realizado no curso de licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul no período entre agosto e dezembro de 2013 é a continuidade de uma pesquisa que teve início em 2010 durante meus estudos na França. O interesse pelo teatro de bonecos apareceu quando ainda era garota, como grande parte das meninas, gostava de brincar com bonecas. Porém, por ser a mais velha de seis crianças, geralmente usava minhas bonecas e outros objetos como suporte para contar histórias para meus irmãos e primos. Essa experiência durante minha infância, foi o mais perto que cheguei do que poderia chamar teatro de bonecos. Uma vez atriz, tive pouco contato com o gênero, não ser quando encontrava alguns grupos de teatro de bonecos nos festivais do interior do estado do Rio Grande do Sul. Mas foi durante meus estudos teatrais na França que pude realmente ter um contato significativo com o universo das marionetes. Tive uma cadeira sobre Mime, ministrada por um Professor-artista chamado Philippe Mercy. Conheci Mercy no meu primeiro ano de universidade. Fiquei encantada com seu trabalho de mime, e logo fui conhecer sua companhia de teatro. Para minha surpresa, além de trabalhar como mime ele era um grande marionetista, um verdadeiro homem orquestra: além de produzir e dirigir seus espetáculos, ele escrevia os textos, confeccionava e manipulava as marionetes, e ainda atuava e cantava em suas peças. Sua companhia de teatro era especializada no teatro de animação e de marionetes. Além de fazer temporadas em toda região, o grupo trabalhava de maio a setembro no teatro de jardim da Pépinière de Nancy. Uma vez que conheci seu trabalho, revelei meu interesse em aprender mais sobre o teatro de marionetes e de animação, fui convidada a inscrever-me para o segundo semestre no seu curso de marionetes da universidade. Fiquei muito motivada. Porém, por conta das disciplinas obrigatórias da minha licenciatura, não foi possível fazer o seu curso naquele ano. Se passaram alguns anos, quando finalmente em 2009 pude fazer seu curso. Com Philippe Mercy tive uma verdadeira iniciação ao teatro de marionetes. Quando acabou o ano letivo, pedi para que ele me aceitasse como estagiária na sua trupe de teatro, durante as férias de verão, quando a companhia se instalava por cinco meses no teatro de jardim da Pépinière de Nancy. Durante este estágio aprendi muito com Mercy, desde a fabricação dos bonecos até a produção e distribuição dos espetáculos. Minha função durante o estágio era ajudar na produção, fotografar e filmar os espetáculos,

mas quando necessário, também trabalhava como assistente na bilheteria. Durante este período, que trabalhei em contato direto com o público, tive contato com o público mais antigo do lugar. Foi aí que descobri que o teatro de jardim onde a companhia apresentava seus espetáculos de marionetes, já foi um Teatro de Guignol, muito popular na cidade. Sempre fui muito curiosa, comecei a me interessar pela história do lugar procurei saber mais sobre o Teatro de Guignol da *Pépinière* de Nancy.

Após algumas semanas de estagio, ficou evidente para mim, que o Teatro de Jardim era um espaço muito importante na paisagem cultural da cidade, e que seria interessante fazer meu memorial sobre o *Théâtre de Guignol de la Pépinière* de Nancy. Na região leste da França, é o único teatro de jardim consagrado exclusivamente à apresentação de espetáculos de marionetes para o público infantil. Além do mais, era um lugar carregado de história, e que fez sonhar várias gerações de pequenos nancéens. Este Teatro se situa no parque municipal da *Pépinière*, pulmão verde da cidade de Nancy, lugar que favoriza o fluxo de espectadores de todas origens sociais. É o que inclusive faz desse lugar, um teatro popular, por excelência. A *Pépinière* de Nancy, após a revolução, sempre foi um espaço de grandes manifestações populares, mas é difícil de saber, com certeza, o período das primeiras apresentações de teatro de marionetes na *Pépinière*. Para isto teria que fazer uma pesquisa mais aprofundada, e conseqüentemente muito mais tempo para me consagrar a outros períodos. Infelizmente eu não pude verificar as atividades no espaço antes de 1934. É por este motivo que meu trabalho de pesquisa vai se concentrar entre o ano de 1930 até os dias de hoje. Precisamente, eu conto retratar a história do Teatro de Guignol do Parque da *Pépinière* de Nancy, à partir de três períodos : Guignol Paul Cordier, Societé Guignol de France de Zilliox e o da Companhia Mercy (Marionetes).



«Les marionnettes sont contemporaines de la première petite fille qui a inventé la première poupée, donnant ainsi un simulacre de la vie à plus petit que soi. Objet de tendresse, d'action physique, la poupée a aussi le rôle d'obéir et d'agir, faisant de la fillette recevant des explications et des ordres de sa mère, celle qui en distribue à son tour. La poupée éveille l'esprit. Le hochet, qui capte l'attention de l'enfant, le détournant de son chagrin et de ses pleurs, se personnalise progressivement et devient poupée autant que pantin ou marionnette.»

(Raymond HUMBERT, 1987, p.9)

1. MINHA PETIT HISTORIA

1.1 Jogos e vivências de uma criança “arteira”

Vivi toda minha infância em Morro Alto, uma pequena comunidade rural, do interior do estado do Rio Grande do Sul. Na época, Morro Alto era um distrito do município de Osório, mas hoje faz parte do município de Maquiné. Foi uma infância muito feliz e rica em experiências lúdicas e criativas.

Meus pais tiveram quatro filhos, três gurias e um guri: sou a mais velha da trupe, e como diria a minha vó, na época, eu era “a chefona dos arteiros”. Ah! Já ia esquecendo de precisar, para completar a trupe dos seis arteiros, ainda tinha meus dois primos que moravam na casa da minha vó. Engraçado, hoje, parando pra pensar, me dou conta que durante toda minha infância eu e os outros cinco fomos sempre chamados de arteiros pelos meus avós! Gostava, e achava engraçado a maneira carinhosa como minha vó nos chamava – “os arteiros”. Nós éramos chamados assim, porque, segundo ela, nós estávamos sempre *fazendo arte*. Na época eu não sabia que a palavra *arte* ganharia uma importância significativa na minha vida, a tal ponto de eu querer me profissionalizar nesta área! Teria minha vó num instinto premonitório, visto que eu me destinava a uma difícil carreira de artista?! Ou teria eu de tanto escutar : “_ *Que guria arteira, esta sempre fazendo arte, espiculando e inventando moda...*”, me convencido de que eu era realmente uma “arteira” e que eu gostava mesmo era de fazer arte?! O fato é que hoje tenho muita saudades daquela época em que meus avós nos proporcionavam momentos preciosos de liberdade! Liberdade de imaginar, de inventar, de fazer e experimentar coisas divertidas e lúdicas nos horários em que não estávamos na escola. Nos tínhamos muita chance, pois, durante o dia, no turno inverso da escola ficávamos sempre com os meus avós. Além de trabalhar na roça, eles cuidavam de seis crianças. Ambos eram agricultores, quando fazia sol, nós íamos com eles para roça. E, quando chovia, ficávamos em casa escutando as histórias dos meus avós. A nossa casa e a casa da minha vó eram coladas, o que facilitava muito as nossas andanças entre um espaço e outro em dias de chuva e em dias de “perseguição” (uma correria, divertida e às vezes “arriscada”, que fazíamos quando tínhamos que fugir do cinto do meu vô ou das varas de marmelo da minha vó, por ter aprontado algo de errado).

Eu e as outras crianças, gostávamos mesmo quando meu avô ia *bater feijão*¹ nos sábados que minha tia estava em casa. Antes das sete horas a minha vó já estava de pé para preparar o café e as sete e meia a turma tomava o café e subia o morro, eu e as outras crianças, a minha mãe, o meu pai e o meu vô, enquanto minha vó e a minha tia ficavam para fazer o almoço. Minha tia que estava em seus dias de folga, ficava encarregada de subir o morro antes do meio dia para levar comida para a turma do batente. Mas, para nós crianças, não tinha nada de cansativo; nós achávamos superdivertido os dias que tínhamos que subir o morro. Oficialmente estávamos ali para ajudar os adultos, mas o que acontecia, é que acabávamos transformando a roça em um enorme terreno de jogos. Ali, na roça, brincávamos de pega-pega, esconde-esconde, de exploradores (fazíamos buracos na terra para ver se saíamos no Japão, pois, segundo meu avô, o Japão ficava do outro lado da terra embaixo dos nossos pés). Uma das brincadeiras favoritas era pegar uns pedaços de madeira dos coqueiros e fazer barquinhos: sentávamos de dois no barquinho e deslizávamos morro abaixo. Outra brincadeira muito praticada era se pendurar nos cipós grossos das árvores. A Roça era um espaço de liberdade onde podíamos inventar todo tipo de brincadeiras. Mas, voltando aos dia de sábado, quando chegava meio dia, era uma festa: minha tia subia com a comida e almoçávamos todos em cima de uma grande pedra. Durante o almoço tínhamos direito de escutar as anedotas do meu vô e do meu pai. Após o almoço, enquanto os outros adultos *batiam o feijão*, minha tia, que não era muito chegada nos trabalhos de roça, reunia as crianças na grande pedra para contar historias. Pra mim este era o melhor momento, pois adorava ouvir as historias inventadas ou adaptadas pela minha tia. Tinha de tudo: conto de fadas, lendas regionais, histórias da bíblia (Arca de Noé, Adão e Eva, Apocalipse...) e até histórias de extraterrestres e seres de outros planetas! Após os adultos terem *batido o feijão* nós, as crianças, entrávamos em cena para retirar os galhos e plantas do pé de feijão do lençol. Isto era outra festa pois sempre havia uma certa competição para ver quem amontoava mais galhos. No final, nós nos jogávamos nos montinhos que havíamos feito com os restos dos pés de feijão.

Mesmo que eu e meus irmãos, diferente dos meus primos, morássemos com nossos pais, posso dizer que todos os “seis arteiros” sem exceção, fomos praticamente criados por

¹ *bater feijão* é uma expressão usada na comunidade rural de Maquiné para designar a colheita manual dos grãos de feijão. Após a colheita do feijão, os agricultores amontoam as vagens já secas encima de um lençol e com dois pedaços de varas, finas e longas, batiam os pés de feijão para liberar os grãos das vagens.

nossos avós. Éramos seis crianças cuidadas pelos avós, educadas pelos meus pais e, às vezes, bajuladas por uma tia que vinha quinzenalmente. A minha tia trabalhava na capital como cozinheira na casa de um grande engenheiro, o Dr. Portela. E ela só voltava pra casa aos finais de semana (de quinze em quinze dias) ou excepcionalmente em alguns feriados prolongados. Ela foi uma figura muito importante na construção do meu imaginário e no meu contato com a arte e a leitura. Quando ela estava presente, nossos dias e noites ficavam sempre mais divertidos. Ela chegava sempre com novidades para contar e nós adorávamos escutar suas histórias, algumas engraçadas, outras tristes, mas todas muito bem apreciadas pelos ouvidos atentos dos seis arteiros. Ela sempre chegava sexta-feira à noite, no último ônibus que vinha de Porto Alegre. Quando escutávamos o som do ônibus parando no ponto, saíamos todos os seis correndo de pés no chão (não dava tempo nem pra procurar os chinelos) para encontrá-la, com uma velha lanterna vermelha que passava de mão em mão durante todo o trajeto. Era extremamente divertido ter que correr e passar a lanterna para os outros ao mesmo tempo. Sempre quem estava com a lanterna tinha que balançá-la para clarear também os rostos dos outros. Engraçado é que esse objeto servia para iluminar a escuridão da estrada, mas, ao mesmo tempo, motivava um jogo de revezamento entre os seis. E muito mais do que isto, a velha lanterna vermelha nos proporcionava um espetáculo quinzenal. Hoje eu diria que este espetáculo era uma sorte de performance, onde um ponto de luz passava de mão em mão, como uma tocha luminosa dançando na escuridão. Tudo isto ao som de gritos e risadas de crianças muito alegres. Ver os raios da luz dançando na obscuridade dos cem metros que separavam a nossa casa do ponto de ônibus onde descia minha tia era algo muito cênico. Na época não sabíamos o que era teatro, mas sabíamos como era divertido este jogo visual. E a culminância de toda esta correria se dava quando chegávamos perto da minha tia, aquele que tinha a lanterna na mão focava bem o rosto dela. Aí, sim, finalmente, víamos minha tia cheia de sacolas e com os olhos semifechados que nos dizia: - *Me dá isto aqui!!!* (tirando a lanterna das mãos de alguém). A partir daí ela é que nos guiava até a casa da minha vó, enquanto nós a ajudávamos a carregar as bolsas e sacolas. Chegando lá, ela cansada da viagem e de uma semana cheia, sentava-se no sofá enquanto eu e as outras crianças esvaziávamos as sacolas. E as sacolas da minha tia eram sempre cheias de surpresas. Quinzenalmente encontrávamos coisas diferentes: livros usados, revistas e jornais velhos, brinquedos e roupas que os netos da patroa dela não queriam mais. Uma vez ela trouxe um quadro enorme de “corrida” espanhola! Lembro como se fosse hoje: viemos os seis, carregando o quadro desde a parada do ônibus. O quadro veio enrolado em um velho lençol. Ao chegarmos na casa da minha vó, nos precipitamos para abrir e descobrir o conteúdo. Ficamos boquiabertos ao ver a imagem

majestosa do toureiro segurando uma capa vermelha de frente para um touro brabo! Queríamos todos saber quem era aquele “homem elegante” que estava desafiando o “boi brabo”! Foi aí que minha tia, que adorava contar histórias, nos revelou que “o homem elegante” era um toureiro que morava no interior da Espanha e que “o boi brabo” era um touro muito feroz que depois de correr assustando todos os habitantes da pequena comunidade rural espanhola, foi capturado pelo grande toureiro cujo nome, segundo minha tia, era Zorro! Nem bem ela terminou de contar o final da história, meu irmão e meu primo começaram a imitar a cena, um imitava o touro e o outro imitava o toureiro. Eu me lembro de ter ficado muito maravilhada com tamanho do quadro e pela beleza da postura desse novo herói chamado “Zorro”. Este quadro ficou muitos e muitos anos pendurado em um lugar de destaque na sala de minha avó (acredito eu, que até uns quatro anos atrás). Ele desapareceu depois que destruíram a casa de madeira para construir uma casa nova, de alvenaria. Creio que o quadro do Zorro tenha sido queimado junto com as velhas madeiras da antiga casa.

Indiretamente o Dr. Portela e a sua esposa Dona Leonara, os patrões da minha tia, também contribuíram e muito para que eu apreciasse os livros, a música e pintura: como éramos as mais velhas, nas férias da escola, eu e minha prima íamos ficar alguns dias na casa da minha tia em Porto Alegre. Na verdade a casa da minha tia ficava nos fundos da casa dos Portela. Ela morava em uma dependência de doméstica (uma peça que tinha dois quartos e um banheiro) e dividia este espaço com uma outra mulher, a Beatriz, que era responsável pela limpeza da casa. No quarto tinha uma cama, um guarda-roupa, um rádio e uma mesa com duas cadeiras. Mas quando ia para lá não ficava muito nesta peça. Enquanto minha tia preparava o almoço, eu circulava pela casa toda com a Beatriz, pois todos os dias ela limpava e organizava todas as dependências da residência. Eu, muito curiosa, adorava quando ela ia fazer a limpeza na biblioteca. Na sala tinha um piano, algumas esculturas em cima de uma escrivaninha, estantes com muitos livros, vários quadros de pinturas, fotografias e também uma cadeira de balanço. Como eu era muito bem recomendada pela minha tia, pra não tocar em nada, contentava-me em ficar sentada na cadeira de balanço horas e horas me balançando e observando as pinturas e as fotografias da parede. Em outros momentos eu ficava imaginando que tipo de histórias guardavam aqueles livros vermelhos, verdes e marrons de encadernação bonita, cujos os títulos eram escritos em letras douradas. Nossa eu adorava ficar sentada me balançando, a observar cada detalhe daquela peça. Ficava imaginando que eu teria que ser Doutora para poder um dia ter muitos livros e quadros pintados com tinta (na minha casa até tinha dois quadros, mas um era uma cópia bem barata da Santa Ceia e o outro

era uma imagem do Papa). Quando eu pensava “quadro pintado com tinta” eu queria dizer pinturas a óleo sobre telas: pinturas abstratas que no meu imaginário infantil, eram mais interessantes porque os desenhos com tinta davam a impressão que iam sair da tela. E eu ficava horas e horas tentando imaginar formas reais nos rabiscos e traços destas pinturas. Algumas vezes via formas de pessoas, outras vezes via silhuetas de animais, fadas e seres fantásticos. Uma noite, depois do jantar, escutei do quarto da minha tia uma música linda, tocada no piano. Achei tão bonita a melodia, mas hoje não saberia dizer que música era e nem quem estava tocando. Com certeza devo ter perguntado quem estava tocando, para minha tia, mas a única coisa que lembro de ela ter respondido que a música vinha do piano que ficava na biblioteca. A partir deste dia, todas as vezes que entrava na biblioteca, passei a observar com curiosidade o piano. Até que um dia eu levantei a tampa do piano e comecei a tocar levemente as teclas, para, discretamente tentar tirar alguns sons. Foi o único dia em que eu transgredia a regra que eu e minha tia tínhamos estipulado no início da minha estadia na casa dos Portela. Mas aquele momento de transgressão teve um gostinho muito especial: foi extraordinário poder tocar e tirar alguns sons desarranjados daquele piano! E, quando tive a oportunidade pedi um piano de presente de aniversário. Claro que meus pais não me deram um piano de verdade, mas um pianinho de brinquedo muito barulhento que eu tinha o maior orgulho em compartilhar com meus irmãos e primos.

Todas essas vivências que tive quando criança me influenciaram em inúmeras escolhas que tive de fazer quando adulta. Minha primeira língua estrangeira foi o espanhol; talvez o “Toureiro” da minha tia, estivesse, por qualquer coisa, me influenciado na minha escolha. Assim que fiquei independente financeiramente, me inscrevi em aulas de teatro, dança, violão. Nunca consegui tocar qualquer música, mas, como revanche, aprendi a apreciar diversos estilos musicais: do clássico ao popular, da MPB até as mais variadas músicas do mundo. A música e a dança sempre estiveram presente na minha infância. Meu vô, além de fazer parte de um grupo de Ternos de Reis, fazia parte também de um grupo tradicional de dança (de origem africana) da região, o *Maçambique*. Ele dançava e criava alguns versos que eram cantados durante as apresentações do *Maçambique* na festa de Nossa Senhora do Rosário em Osorio, ou na festa de São Benedito na comunidade do Aguapés. Eu e as outras crianças, adorávamos acompanhar meu vô nos dias de festas, seguíamos o cortejo imitando os dançarinos e cantando. Uma vez, perguntei se quando estivesse maior poderia dançar também, ele me respondeu que, até então, as mulheres não dançavam Moçambique. Mas que em um futuro distante, quem sabe eu e outras mulheres seríamos aceitas. Hoje, quando vou a

uma destas festas, não posso me impedir de lembrar das palavras do meu vô, pois para minha alegria, já encontrei algumas meninas dançando *Maçambique*.

Cinco coisas me fazem lembrar do meu vô, o *Terno de Reis*, o *Moçambique*, a sua cor favorita, «encarnado», o Esporte Clube Internacional e o seu partido político, o PDT. Na época eu achava linda a bandeira do PDT que meu vô tinha pendurada na parede do seu quarto, nela me encantava o desenho da mão segurando uma rosa! Meu vô era um brizolista doente. Como morávamos perto de Capão da Canoa, lembro que, em um verão, meu vô me levou até a casa do Senhor Brizola, que estava veraneando em Capão. Eu era muito criança para entender de política, e realizar a chance que eu tinha de estar na presença daquele grande homem. Meu vô não tinha muito estudo, mas sempre foi muito politizado, era um socialista convicto, sempre criticou a ditadura, foi a favor das eleições diretas, sempre que pode votava no Brizola. Na época não entendia muito as histórias que meu vô contava, sobre o período da ditadura, mas por conta delas, eu e as outras crianças, morríamos de medo dos carros do exército. Cada vez que, por ventura, passasse uma frota de carros militares na região, nós corríamos para dentro de casa, e espiávamos, apavorados, pelas frestas da janela o comboio passar. Uma das histórias que meu vô contava, é que, teve uma época em que os «milicos» subiam o morro para procurar «bandidos». Mas estes «bandidos», segundo meu vô, na verdade eram pessoas de bem, fugitivos políticos. Até hoje não foi confirmada essa história do meu vô, o fato é que dessa experiência, talvez tenha surgido uma das brincadeiras mais praticadas quando criança, esconde-esconde nas plantações de banana.

Quando criança, também gostava de brincar de dar aulas. Nos fundos da casa dos meus avós, tinha um velho galpão que nós usávamos para brincar de escolinha. Eu, como era a mais velha, me auto proclamei diretora e professora da escolinha, e quase sempre dava aulas para as outras crianças. No galpão tinha alguns banquinhos feitos com troncos de árvores, uma mesinha feita por meu pai, alguns livros velhos empilhados em uma pequena estante (feita por nós mesmos com duas tábuas e alguns tijolos) e um *quadro negro*. Nosso *quadro negro* era vermelho, e para pintar, usamos as sobras das tintas do meu vô. Meu avô era um *colorado* doente! Quase tudo, na sua casa, era vermelho em homenagem ao seu clube de futebol de coração, o Internacional. E na nossa escolinha não seria diferente. Além do quadro vermelho, nós tínhamos a mesinha e a estante que eram pintadas de “*encarnado*”, como costumava dizer meu vô. Nossa escolinha foi um verdadeiro laboratório; ali descobri que queria ser professora,

e, brincando, comecei a reproduzir nesse velho galpão, alguns modelos de educação, imitando as aulas das minhas professoras, aulas que achava legal!

1.2 Arteira, “Glaneuse de Savoir ”

Nos três últimos anos do Segundo Grau (atual Ensino Médio), quando tive minhas primeiras verdadeiras aulas de educação artística, enfim me realizei. Encontrei algo que gostava e sabia fazer: desenhar e pintar telas. Tive muita sorte de estudar em uma escola que tinha uma sala de artes e uma professora-artista, que transformava a sala em ateliê nos horários vagos. Eu, quase sempre, quando havia um período livre, ia para o ateliê me exercitar na pintura ou no desenho, com a ajuda e os conselhos preciosos da minha professora. Quando tive que trocar de escola, no segundo ano, levei comigo o hábito de usar alguns períodos vagos para me exercitar na sala de artes. Nos meus dois últimos anos, além de desenhar e pintar comecei a iniciar-me nas esculturas de argila e de gesso. Estava tão certa de que faria Faculdade de Belas Artes que passei a exercitar-me para prova de aptidão do Vestibular. Até que um belo dia um poeta “maluco”, chamado Ubiratan Porto, aparece na nossa sala de aula, anunciando uma oficina de teatro que daria a possibilidade dos melhores da oficina serem chamados para fazer parte do grupo de teatro municipal. Não pensei duas vezes, coloquei meu nome na lista, e chegando em casa, fiz uma revolução: me posicionei contra a vontade de meu pai e, com a benção dos meus avós, fui fazer esta oficina.

No final de dois meses fui selecionada para participar do grupo e, em quatro meses, estava apresentando com o grupo aos finais de semana em todo o litoral gaúcho. Os anos em que fiz parte desse grupo de teatro foram decisivos na minha vida, pois resolvi prestar vestibular para Artes Cênicas e não mais para Belas Artes (atual Artes Visuais). Infelizmente, ou felizmente, não tive uma boa média, tive que adiar meus planos de cursar uma faculdade. Graças as minhas experiências artísticas (desenho, escultura e pintura) fui chamada para trabalhar no turno da noite, como bibliotecária, na mesma escola em que concluí meu Ensino Médio. Isto para mim foi maravilhoso pois tinha tempo para apresentar os espetáculos durante o dia e trabalhar à noite cercada de livros. E grande parte do meu salário ia para pagar oficinas e *workshops* de teatro em Porto Alegre. Quando trabalhava na biblioteca à noite, tinha muito tempo para escrever, foi durante estes anos em que trabalhei entre os livros, que escrevi minha primeira peça de teatro infantil. Depois de trabalhar alguns anos com o grupo Divina

Quimera, desejei, junto com outros colegas, montar a minha peça infantil. Tal peça foi o divisor de águas, pois o diretor não aceitou que montássemos o espetáculo, o que acarretou minha saída do grupo. Então, junto com mais quatro dissidentes do grupo Divina Quimera, resolvemos criar nosso próprio grupo. No dia 1º de Maio de 1998, nasceu o Grupo Teatral Mar & Cia. Sem muito dinheiro, na cara e na coragem, montamos o espetáculo que eu havia concebido que, por sorte, foi um sucesso na região. Rodamos todo o litoral e participamos de vários festivais. Chegamos a fazer quatro apresentações por dia. Trabalhávamos muito, mas ganhávamos muito pouco. Infelizmente o trabalho dos grupos de teatro do interior nem sempre são valorizados. Durante uns cinco anos, eu dirigi três peças e depois de muita prática, muitas apresentações, muitas oficinas e muitos festivais decidi que iria em busca de novos conhecimentos. Resolvi ir para o Rio de Janeiro estudar na Escola de Teatro Martins Pena. Deixei o grupo em muito boas mãos, e fui para o Rio de Janeiro com o objetivo de estudar dois anos e meio. Assim que terminasse meus estudos, eu voltaria ao Rio Grande do Sul para compartilhar tudo o que tivesse estudado com os meus colegas do grupo Mar & Cia.

Chegando no Rio de Janeiro nem tudo foi como esperado. Eu havia passado na Martins Pena, porém, as aulas eram a tarde, o que dificultava encontrar um trabalho no turno inverso. Então resolvi esperar mais alguns meses quando abriria concurso para o turno da noite. Sem condições financeiras, se passasse, eu poderia trabalhar durante o dia e estudar a noite. Já estava trabalhando durante o dia (como vendedora de materiais fotográficos) quando prestei prova para o concurso, mas não fui selecionada na turma noturna da Martins Pena. Então resolvi ficar mais alguns meses até o próximo concurso. Durante este tempo fui convidada para trabalhar como secretária na Associação de Amigos da Escola Nacional de Circo. Eu, muito curiosa e aberta a novas descobertas, acabei aceitando.

Trabalhando na associação tive contato com artistas, companhias e grupos de todo Brasil e inclusive alguns artistas circenses do Canada, França e da Bélgica. Nós recebíamos muito material de divulgação dos grupos em inglês e em francês. A única língua que eu me arriscava a ler algumas palavras era o Francês. E aos poucos eu comecei a interessar-me por esta nova língua. Além do mais, um dos meus chefes falava francês e viajava seguido para Paris; e a cada retorno ele trazia sacolas de material de divulgação dos espetáculos franceses. Eu ficava encantada com as imagens e me arriscava mesmo a tentar entender o que estava escrito nos *folders* e cartazes. Assim que surgiu a oportunidade me inscrevi no curso livre de língua francesa da UERJ. Como tinha acesso a *internet* na associação, comecei a pesquisar

possibilidades de bolsas de estudo para artistas na Europa. Quando já estava decidida que iria tentar uma bolsa no departamento de Artes Cênicas da Universidade de Coimbra em Portugal, conheci alguns capoeiristas franceses, e entre eles estava meu futuro namorado que me convenceu de mudar meus planos: ele me fez trocar a universidade de Coimbra em Portugal, pela Universidade de Nancy na França! O desafio era grande pois na França, eu teria que ser aprovada em um exame de língua francesa. Ou seja, uma vez em Nancy eu teria que fazer um curso intensivo de seis meses, para ser aprovada no exame de Francês, que me garantiria a inscrição na universidade.

Eu não sabia, mas estes seis meses seriam o período mais enriquecedor da minha estadia na França. Durante estes meses eu tive contato com estudantes estrangeiros de varias partes do mundo: nós brincávamos dizendo que a nossa turma de Francês era um condensado das Nações Unidas. Tinha estudantes vindos do Irã, dos Estados Unidos, da Síria, do Quênia, da Coreia do Sul, do Japão, da Venezuela, do Chile, da Argélia, do Marrocos, do Egito, da Rússia da Tchetchênia, da Ucrânia, da China e até mesmo do Brasil (uma advogada carioca, que foi parar em Nancy por conta de seu esposo, que trabalhava em uma fabrica de carros na região)! Durante aquele período fiz amizade com todos. Me sentia um como se fosse uma diplomata brasileira, pois sempre procurava mostrar e fazer conhecer aos meus colegas coisas novas do meu País. Uma vez levei chimarrão (somente os orientais apreciaram); outra vez levei rapadura e as minhas colegas chinesas e a iraniana adoraram. Mas o engraçado mesmo, foi quando levei caipirinha! A sala de aula virou uma festa: as colegas ucranianas, a chilena, a venezuelana, os dois colegas russos e a maioria dos asiáticos secaram as duas garrafas que tinha levado. Até meu professor não resistiu e bebeu também! No final do curso estávamos todos bem alegres dançando samba! Cada mês fazíamos jantares a tema, um dia era asiático outro dia oriental, no outro latino e no outro Bielo-russo! Ou então nos reuníamos na casa de alguém e cada um levava um prato tradicional do seu país e fazíamos um grande jantar cultural. Durante estes meses eu aprendi a conhecer e a respeitar culturas, costumes e crenças diferentes das minhas; aprendi, por certo, certo a língua francesa e a cultura francesa, mas, de brinde, aprendi também muitas outras culturas e até mesmo algumas palavras em Chinês, Russo, Persa, Árabe, Japonês e Coreano.

Quando terminei o curso intensivo, obtive aprovação na prova de francês e fui também aprovada para a universidade. Me inscrevi no curso de Mediação Cultural e Comunicação, curso que me daria a opção de estudar artes cênicas ou cinema a partir das opções escolhidas

no primeiro ano. Nesse curso éramos mais de 600 alunos e somente uns 200 passariam para o segundo ano, e na minha área só tinha vaga para uns 70 alunos! Resumindo, os meus dois primeiros anos de estudos foram os mais difíceis que passei na França. Por causa das dificuldades com a língua, tinha que trabalhar duas vezes mais que um aluno francês. Durante estes anos tive que inventar técnicas e astúcias para estudar e copiar os cursos. Fazia de tudo para não faltar as aulas, pois nos primeiros anos, devido à concorrência era muito difícil que alguém emprestasse algum material. O que eu fiz, comprei um gravador MCD e chegava todos os dias meia hora mais cedo para sentar bem na frente do anfiteatro. Regulava meu aparelho e quando o professor chegava, eu começava a gravar. Enquanto o aparelho registrava eu copiava os cursos como podia. E assim eu fazia o dia todo, em todos os cursos. À noite, quando chegava em casa escutava as fitas e passava a limpo minhas notas. As vezes ia até altas horas escutando e escutando alguns cursos aos finais de semana, quando almoçava na cafeteria, no restaurante universitário, quando andava de ônibus...

Enfim, eu acabei passando de ano, sem nunca ter repetido: Fui aceita nos dois cursos que optara e me inscrevi nos dois, porem escolhi fazer cinema, quando vi que para fazer teatro eu teria que ler o dobro de livros. Pensei: até terminar o curso de cinema, vou estar dominando bem o francês, aí então volto, e faço o curso de teatro. E foi o que fiz, após terminar meus estudos de Cinema e Audiovisual, no IECA(Institut Européen de Cinéma de l'Audiovisuel) entrei no curso deLicenciaturaemArtesCênicas da *Université Nancy2*atualmente rebatizada de *Université de Lorraine*.



«La marionete est un médium, l'une des formes les plus vivants de La représentation humaine et sociale. Depuis dès siècles, ele incarne des caracteres, dès fonctions, dès émotions, le rêve. Le manipulateur leur donne mouvement et parole et fait participer le public groupé devant son castelet.»

(Raymond HUMBERT, 1987, p. da contra capa)

2. HISTORIA E ORIGENS

2.1 A Pépinière, Teatro (Palco) de manifestações artísticas e populares da cidade de Nancy

A cidade de Nancy pertence a região Lorraine e fica à 370km de Paris, no leste da França. A Lorraine, no passado, devido sua posição geográfica e alguns contextos históricos, foi uma região privilegiada em trocas culturais entre a França e o leste europeu. Além de ser um *carrefour* cultural, a Lorraine também foi o berço de alguns movimentos culturais, o mais famoso, o estilo *art nouveau*, surgiu na cidade de Nancy e foi levado ao resto da França pela *École de Nancy*. Nancy é hoje uma grande cidade universitária da região, ela conta com uma enorme população de estudantes, chegando a representar um quinto de seus habitantes. No entanto, Nancy, antes da revolução francesa, também já foi uma grande cidade ducal. O último duque a habitá-la foi Stanislas Leszczynski, o duque de Lorraine, um homem visionário e apreciador das artes e dos jardins.

No século XVIII, não existia muitas pépinières privadas na região Lorraine, leste da França. O governo era dono da maioria das pépinières. Em 1756, uma vez que Louis XV foi aliado de Marie Thérèse da Austria, mulher de François, o último duque de Lorraine, Stanislas Leszczynski vai trabalhar pela criação de uma pépinière para região Lorraine, com o objetivo inicial de cultivar e distribuir mudas para toda região. Um ano após, na cidade de Nancy, irá surgir uma pequena pépinière. A pedra inaugural será colocada no dia 5 de agosto de 1757. Mas é no ano de 1764 que Stanislas dará seu aval para a criação de uma grande pépinière real, onde as dimensões serão muito mais importantes que a primeira. A pépinière foi sua última obra, ele morreu alguns meses após o início dos trabalhos. A obra foi acabada seis anos após sua morte entre 1766 e 1772 pelo Governo Francês de Luis XV, que respeitou escrupulosamente o projeto inicial de Stanislas. Uma vez inaugurada, ela foi aberta a todos habitantes de Nancy. Após sua criação, a pépinière vai ser um lugar de passeio, mas também de encontros e de lazer para os nancéens. A pépinière situada no coração da cidade de Nancy será, durante anos um grande teatro, um espaço de manifestações e desfiles artísticos e históricos de todo tipo. Ela será palco para as grandes festas revolucionárias, para festas de após guerra e recentemente para o grande festival de música internacional, o Nancy Jazz

Festival. Hoje quando se fala sobre o Parque da Pépinière de Nancy, ouvimos falar dos seus jardins, das roseiras, do seu mini zoo, mas também do seu Teatro de Guignol, um pequeno teatro de jardim, quem após sua inauguração em 1954, virou um lugar incontornável de lazer e de cultura para os pequenos nancéens. Em 1934, Paul Cordier, um publicitário nancéen, apaixonado pelo teatro de Guignol, instala pela primeira vez seu *Castelet* móvel nos jardins da pépinière. Ele virá regularmente todos verões até os anos 50.

2.2 *Guignol, uma marionete*

Depois dos anos 30, o *Théâtre de Guignol*, vai se inscrever na tradição popular do Parque da Pépinière de Nancy. Mas sabemos que o gênero nasceu muito longe dali, na cidade de Lyon. O Guignol é um gênero cômico que coloca em cena marionetes onde a cabeça e as mãos foram feitas de madeira e o corpo feito como uma espécie de luva. “A intriga é normalmente sem importância, a citação inicial deve ser repleta de potencialidades cômicas, e sempre nos viramos para concluí..»². Encontramos no teatro de Guignol todos as grandes técnicas do cômico tradicional : a repetição, o quiproquó , o cômico de situação, mas também o cômico verbal ligado ao “*parler de Guignol*”³. O gênero Guignol foi criado em Lyon em 1769, por Laurent Mourguet.

Sabemos que depois que o gênero foi criado, várias trupes ambulantes de Guignol foram criadas e se espalharam pela França inteira. Acredita-se que rapidamente o gênero tenha chegado na região Lorraine, mas é difícil afirmar com certeza a data das primeiras apresentações de Guignol na cidade de Nancy

Desde sua criação em 1766, a Pépinière de Nancy é um espaço de passeios para os nancéens, mas com o decorrer dos anos e sobretudo após a revolução ele se torna o palco de festas populares. Era de hábito, durante estas festividades e quermesses⁴ que a administração da cidade de Nancy convidasse artistas ambulantes. Então, é bem provável que representações de teatro de Guignol e de marionetes ambulantes, tenham sido vistas nos jardins da Pépinière de Nancy nesses momentos de grandes encontros populares. Os registros mais recentes de uma tradição de Teatro de Guignol na Pépinière apareceram em 1934, com a chegada de um *Castelet* ambulante que será instalado todos os verões durante vinte anos sucessivos.

² Paul FOURNE, « *Guignol* » *Les Mourguet* - Ed du Seuil, 1995 – p. 85

³ Maneira peculiar de falar específico ao personagem Guignol.

⁴ Ver em anexo as fotos das quermesses e desfiles em 1900.



«Guignol est un miracle. Né du libéralisme et du réalisme, héritier de la Révolution, il aurait pu, comme beaucoup de marionettes régionales, sombrer dans l'oubli ou dans le folklore, il aurait pu aussi passer à la trappe des petits bâtards de la culture populaire...Il a vécu. »

(Paul FOURNE, 1995, p. 9)

3. PERÍODO PRÉ E PÓS GUERRA : PAUL CORDIER (1934 à 1953)

3.1 *Guignol Paul Cordier, o pioneiro*

Paul Cordier era um personagem muito particular. Depois de alguns anos ele tinha relações privilegiadas e as vezes conflituais com a prefeitura de Nancy, por conta dos elogios e reclamações do serviço de administração do Parque da Pépinière de Nancy. Sabemos, por exemplo que a Prefeitura de Nancy emprestava ao senhor Cordier o terreno, as cadeiras e que ela se responsabilizava gratuitamente a cada ano, desde 1934 pela montagem e desmontagem do *Castelet*. A prefeitura guardava todo o material no depósito do serviço de arquitetura. Mas, em 1939, a administração municipal resolve não lhe emprestar mais as cadeiras, pois eles constataram que no final do verão passado, faltaram 173 cadeiras e que três cadeiras foram devolvidas quebradas. A partir desse ano a relação entre Paul Cordier e a prefeitura se tornaram tensas. É bem verdade que os negócios de Cordier funcionavam bem, e para a prefeitura, já era tempo que ele fizesse um esforço financeiro; a administração irá sugerir que Paul Cordier pague um aluguel pelas cadeiras. Mesmo com as constantes reclamações do diretor do parque da Pépinière, a colaboração entre Paul Cordier e a Prefeitura de Nancy irá perdurar por alguns anos. Cordier e sua esposa, graça ao sucesso e a popularidade do seu Teatro de Guignol, se transformaram em personagens incontornáveis e muito influentes à Nancy, o que lhes dará uma certa liberdade.

Paul Cordier era publicitário, e nas horas vagas ele se improvisava marionetista. Ele tinha sua empresa, *Guignol Paul Cordier*, no número 10 da rua Grandville. Com a atividade de Guignol, juntava o útil ao agradável: aproveitava para fazer publicidade nos documentos e cartazes dos espetáculos, e também nas paredes do Castelet e nos muros do espaço. Ele mencionava sempre em seus cartazes e *folders* os dizeres: «*Publicidade ultra moderna – sobre todas as formas*»⁵, mas sua publicidade era sobretudo sonora em *pick-up*, que, aliás, com o tempo, se transformara em um grande incômodo e provocava protestos de alguns habitantes vizinhos da Pépinière. Em 1938, a prefeitura de Nancy, menciona as reclamações no documento de concessão, que autoriza a instalação do Guignol com algumas condições bem precisas: “*Limitar a publicidade; Moderar os barulho e particularmente o volume das caixas*

⁵ Documento na Série O 663 dos Arquivos Municipais - 3 Rue Henri Bazin- Nancy

*de som; (...) PS: Não é o barulho que fazem as crianças se divertindo que incomoda, mas a tonalidade exagerada das caixas de som... Assinado M. L'Adjoint DUBAS*⁶.

Cordier com o seu *Castelet* desmontável, vai dirigir durante vinte anos o *Théâtre de Guignol* na Pépinière de Nancy, sem nunca ter pago impostos a prefeitura. Mas, conforme uma carta de Paul Cordier ao Prefeito de Nancy que data do dia 27 de Janeiro de 1951⁷, a sua trupe tinha o hábito de fazer algumas apresentações anuais gratuitas para a prefeitura, como algumas seções beneficentes em troca do direito de utilização do terreno. Eu tive muito pouca informação sobre o conteúdo dos espetáculos. Mas constatei que ele não se contentava em fazer unicamente apresentações de Guignol, apresentava também *crochets* (chamadas), danças, músicas e também publicidades durante os intervalos dos espetáculos. Geralmente, eram espetáculos muito barulhentos que agitavam as crianças, que acabavam gritando, pulando e se movimentando em todas as direções. Mesmo assim os seus espetáculos eram bastante apreciados pelos habitantes. Tinha dias em que ele atingia um público pagante de 500 crianças por dia, sem contar aqueles que ficavam do lado de fora, assistindo atrás das barreiras de proteção. Conforme algumas correspondências, parece que a qualidade artística e estética dos espetáculos não era sempre melhor. Numa época onde havia pouquíssimas atividades destinadas ao público infantil, o Guignol de Paul Cordier, era uma verdadeira chance para as crianças. Na verdade, o que contava realmente para as crianças, era poder dividir um bom momento de diversão com outras crianças na companhia dos animados e coloridos personagens manipulados por Paul Cordier. No Teatro de Guignol de Paul Cordier, as crianças eram livres para dançar e cantar com os personagens e até mesmo disputar corridas. Além das apresentações de Guignol, Cordier organizava corridas bastante disputadas entre as crianças. E estes últimos não se incomodavam em correr e atalhar caminho entre os canteiros de flores e nas gramas, coisa que não agradava os responsáveis da Pépinière. Geralmente, eram eles que faziam reclamações contra Paul Cordier na Prefeitura. Como resposta as reclamações, em um documento de 1938, o assistente do prefeito, Senhor Dubas, sugere a Paul Cordier: “*Se o senhor organizar corridas entre as crianças, procure tomar todas as precauções necessárias para proteger as gramas e as plantas, façam que as crianças corram nos corredores paralelos a rua Sigisbert-Adam*”.

Com o passar do tempo o Guignol de Paul Cordier, se transformou em um espaço imperdível para os pequenos e grandes, nas matines ensolaradas da pépinière. Apesar de

⁶ Ibid.

⁷ Carta da Série O 663 dos Arquivos Municipais - 3 Rue Henri Bazin- Nancy

algumas críticas sobre a qualidade artística e a estética dos espetáculos, resultado da organização às vezes improvisada das animações, Paul Cordier tem o mérito de ter apresentado aos habitantes de Nancy um teatro de jardim muito popular e eclético. Ainda mais que ele forma e fideliza toda uma geração de novos espectadores, que, após a inauguração do novo teatro, irão contribuir para o prestígio dos espetáculos do senhor Zilliox. Este último, inclusive, não terá dificuldades para lotar o novo teatro desde as primeiras apresentações.

A cooperação entre Paul Cordier e a Prefeitura de Nancy, mesmo com alguns problemas, durou vinte anos, para alegria das crianças. Em 1934, Paul Cordier, obteve pela primeira vez a autorização da Prefeitura de Nancy, para instalar seu Guignol no Parque da Pépinière. A partir daí ele voltará todos os anos, durante as férias escolares. Após o verão, ele retirava seu Guignol da Pépinière e recomeçava suas atividades de publicidade. Ele teria ocupado a mesma vaga, na pépinière, até o início da Segunda Guerra Mundial. Com o passar dos anos, o seu público foi ficando cada vez mais numeroso até o início da guerra, período em que ele teve de abandonar seu Guignol. Após a Segunda Guerra Mundial, o Guignol de Paul Cordier ficou totalmente destruído. Sem indenização e com seus próprios meios, ele repara e coloca novamente em funcionamento o Teatro de Guignol. Isto é de uma importância fundamental para levantar a moral das crianças em período de pós guerra. Mas, em 1947, após um grande temporal, a cidade de Nancy é inundada. Com a inundação, o Guignol ficou muito deflagrado, mas ele será mesmo assim utilizado até 1951. A esta época a trupe atravessava um momento difícil. Cordier estava muito doente, e sua esposa teve que assumir a direção da trupe. Para cumprir a agenda das apresentações, a trupe foi obrigada a contratar um artista de Lyon. E, para ajudar, por conta da inundação de 1947, o material do Guignol ficou muito deteriorado e em 1951 o Guignol ficou completamente inutilizável. A Companhia não tinha mais de onde tirar dinheiro para construir um novo Guignol, o que dificultava a continuidade das apresentações.

Desesperado, Paul Cordier, irá pedir ajuda ao prefeito da época, Lionel Pèlerin, para construir um novo Guignol. Seu pedido ficará sem resposta. Conforme os arquivos, em 1953, ele fez mais um pedido, dessa vez ele pede indenização pela destruição e perdas comerciais do Guignol durante a guerra. Ele reclama de ter sido prejudicado pelos soldados alemães, que quebraram todo seu material que ele havia deixado na Pépinière. No documento, Cordier pede uma indenização de 33.080 francos de perdas em 1944. Ele acrescenta a esta soma *“o total da perda que ele teria sofrido por conta do pilhagem ou da destruição de seu material do Guignol, deixado por ele na Pépinière. Os fatos teriam se produzido no dia 8 de agosto de*

*1944 e o Senhor Cordier aponta os soldados alemães como os únicos responsáveis, pois segundo ele, os alemães teriam se instalado do lado de seu Guignol*⁸

Mas este pedido de indenização não será atendido, por falta de provas e testemunhas críveis, pois os guardas da Pépinière não foram capazes de confirmar os fatos narrados por Paul Cordier.

Com Guignol inutilizável, e Paul Cordier cada vez mais doente, as apresentações cessaram em 1953. Somente em 1954, um novo Teatro de Guignol começa a ser construído, um verdadeiro Teatro de *Castelet*. Mas a concessão do espaço não será dada a família Cordier. A prefeitura pretendia encontrar uma nova trupe para administrar o espaço. E, por isso, irá, pela primeira vez, criar um contrato bastante estrito e regulador para a nova concessão do Teatro. Os novos diretores do espaço deverão respeitar regras e restrições, completamente inspiradas na experiência passada, da relação entre a prefeitura e o Guignol de Paul Cordier. A Prefeitura irá proibir todo tipo de publicidade; ela irá exigir um imposto anual, mas também o direito de apreciação e arbitragem sobre os conteúdos e qualidade artística dos espetáculos.

3.2 A construção do Théâtre de Castelet

Após 1934, sempre existiu um teatro de *Castelet* na Pépinière de Nancy. Mas este último, precisava ser montado e desmontado a cada início e fim de temporada. O teatro não pertencia a prefeitura, mas a companhia Paul Cordier, que após anos de direção se vê obrigado a renunciar as temporadas de espetáculos por causa do estado de degradação do seu Guignol. Em 1951, ele pede um novo Guignol ao Prefeito Lionel Pèlerin, mas nada será feito. Três anos mais tarde, a Prefeitura de Nancy anuncia, finalmente, a construção de um *Théâtre de Castelet* fixo. Mas a administração excluiu de entrada, a possibilidade de um retorno da Companhia Paul Cordier na Pépinière de Nancy. Podemos apenas especular o motivo dessa exclusão: seria as constantes reclamações da administração do parque e a relação cada vez mais tensa entre a família Cordier e a Prefeitura, ou seria uma vontade de renovar a imagem do teatro de jardim da Pépinière?

⁸ *Affaire : Paul Cordier _ Service Contentieux 03/12/1953 – documento na Série M55 – Classeur Projet de cession M. Cordier - Arquivos Municipais - 3 Rue Henri Bazin- Nancy.*

Em 1954 a Prefeitura de Nancy começa a construção de um verdadeiro teatro de jardim: Le Théâtre de Castelet, um teatro permanente que será aberto durante o verão. Veja a descrição do espaço pela prefeitura em 1954 :

*uma instalação para uso de teatro de marionetes, comportando um estrado, um local para escritório comportando um espaço cercado contendo 212 lugares (sentados) e um local para uso de bilheteria, tudo pertencendo a prefeitura de Nancy.*⁹

Assim que as obras começaram a prefeitura abriu um edital para ocupação de seu novo Teatro. Ela recebeu alguns dossiês de candidatura, inclusive de Paul Cordier, mas ela se recusa a lhe dar a concessão do espaço. A prefeitura o teria descartado por conta da sua idade avançada.¹⁰ É verdade que após 1951 era a esposa de Paul Cordier que assumia a direção da companhia e a prefeitura não queria mais ter que negociar com ela. Então será escolhido o dossiê de um outro *nancéen*, Maurice Grandemange. Mas, com os atrasos da obra, esta companhia escreve várias vezes à Prefeitura para exigir que o prazo de inauguração seja respeitado, e também para exigir melhorias no prédio. À força de cartas e correspondências acumuladas, a relação entre a companhia e a administração da prefeitura começa se deteriorar, a tal ponto que este primeiro contrato será anulado antes mesmo da inauguração. Após esta primeira experiência a administração tomou varias precauções: Após uma pesquisa e uma enquete sobre a vida moral de Zilliox, ela irá conceder em 1955 o direito de concessão do teatro (direito que será renovado todos os anos até 1996). Para redigir um novo contrato, mais adaptado ao teatro de Guignol, o assessor do prefeito, foi buscar informação com as prefeituras de Paris e Lyon, que tinham como Nancy um Teatro de Guignol de jardim. O contrato será bastante estrito. Veja algumas exigências do mesmo: um vez a convenção assinada, a companhia se responsabiliza a não exigir da prefeitura nenhuma modificação, nem melhorias no espaço. O preço do ingresso do espetáculo deverá ser aprovado pela prefeitura. Para o primeiro ano o preço dos ingressos será fixado a 50 francos. A venda de bebidas, alimentos e todos outros tipos de artigos e guloseimas será proibida. Toda publicidade de caráter comercial, visual ou sonora, será proibida. Somente a propaganda dos espetáculos poderá ser exposta na entrada do teatro. Mais ainda, cito:

Os espetáculos sempre deverão respeitar o bom gosto e ser irreprocháveis do ponto de vista, moral de maneira a satisfazer o público infantil e seus pais . A administração municipal fica reservado o direito de intervir e exigir a

⁹ Ver em anexo a copia da « concession du Théâtre de Guignol de la Pépinière-1955 »

¹⁰ Ver em anexo a carta do Syndicat National de Guignolistes et Marionnettistes du 10 juillet 1955.

retirada de cenas ou peças que ela estimar, sem que o concessionário possa pedir a prefeitura qualquer forma de indenização.¹¹

Para o primeiro ano a administração municipal fixa o preço de 90.000 francos a concessão do teatro. Após muitos anos de liberdade ao ar livre, o Guignol da Pèpinière, uma vez instalado dentro de um verdadeiro teatro, deve se sujeitar, pela primeira vez, a regras bem estritas. O período Zilliox, vai ser bastante regulamentado, mas ao mesmo tempo, pela primeira vez serão constituídos relatórios de atividades a cada final de temporada. Graças a esses documentos nós teremos um relato interessante das atividades do *Théâtre de Guignol de La Pèpinière* de 1954 a 1996.

¹¹ Ver em anexo a copia da « *concession du Théâtre de Guignol de la Pèpinière-1955* »



«Guignol à survécu toujours parce qu'il assurait la survie de ceux qui l'animait. Il était nécessaire. Dans la famille Mourget, il donnait du lait aux bébés puis du travail aux enfants. A chacun, il donnait le pouvoir de se faire entendre et de prendre place, entre son père et son fils à l'intérieur d'une histoire... »

(Paul FOURNE, 1995- p. 10)

4. O PERÍODO ZILLIOX (1955 à 1996)

4.1 A *Société Guignols de France*, uma trupe familiar

Alguns anos antes da Segunda Guerra Mundial, Jean Zilliox, demitido de uma empresa de fios, decide se consagrar a sua paixão, o teatro de marionetes. Em sua cidade natal, Remiremont, ele se dedica a criação de espetáculos de Guignol. Pouco tempo após nasce a *Société Guignols de France*. Jean Zilliox sai pelas estradas da região Lorrainee dos Voges para apresentar sua versão regional do Guignol. A *Société Guignols de France* torna uma companhia artística familiar, onde o pai, mãe e filhos se dedicam e se especializam na criação, fabricação e manipulação de Guignols. Depois de 1950, *Les Guignols de France* apresentam principalmente na região dos Voges, durante a temporada de verão na cidade de Vittel, Contrexéville, Plombières lês Bains, Gérardmer. É em 1955, após ter obtido a concessão do teatro, que Zilliox, filho de Jacques Zilliox, se instala cada ano nos jardins da Pépinière, de abril à setembro.

Zilliox escolhe abrir o teatro três dias por semana de forma a concentrar as representações, pois se ele fizesse apresentações todos os dias, ele correria o risco de não ter público suficiente e ele perderia a oportunidade de continuar sua temporada em outras cidades. Para ele e para a administração municipal era um bom negócio. Então o espaço será aberto durante o verão às terças, quintas e domingos de 1955 a 1996. Em 1956, mesmo durante uma temporada muito chuvosa, a *Société Guignols de France* consegue levar 12 mil espectadores entre abril e setembro, com uma diversidade artística bastante impressionante. Durante esta temporada ele apresenta 55 programas diferentes, contendo 6 peças de 1h30, 10 peças de uma hora e 78 pequenas peças de 30 minutos. Mas, conforme Zilliox, e precisamente após o relatório de atividades do primeiro ano, a receita não era satisfatória. Mesmo com o preço baixo de 50 francos o ingresso, eles tiveram que fazer um esforço financeiro e propor tarifas reduzidas para famílias numerosas, bem como aos filhos de policiais e funcionários municipais. Uma outra razão aos seus baixos lucros, é que uma grande parte dos habitantes de Nancy, tinham o hábito de ver os espetáculos gratuitamente, atrás das barreiras de proteção. E uma vez que tiveram que pagar para assistir o espetáculo, eles acabaram desertando o espaço. O que, para Zilliox, era um mau hábito do antigo Guignol de Poul Cordier. Segundo ele:

um outro aspecto do problema, bem específico a cidade de Nancy: é que, durante a precedente concessão, todo mundo poderia ver o espetáculo sem pagar, assistindo atrás das grades de proteção. O começo foi muito difícil... E agora teriam que pagar para ver um espetáculo, e isto não fazia parte do hábito. Guignol na cidade de Nancy se transformou em uma coisa gratuita e é ainda coisa gratuita pois que todas as quintas e durante as férias, os comerciantes continuam oferecendo apresentações gratuitas de Guignol com objetivo publicitário. Isto é um dos aspectos do problema, que tem que ser levado em consideração. Nós escutamos muitas vezes na bilheteria do teatro: Como é que aqui tem que pagar, para que pagar, pois lá é gratuito¹².

Um outro motivo, segundo ele, era a falta de qualidade dos espetáculos do senhor Paul Cordier. E ele acrescenta:

um constrangimento considerável, temos que admitir, foi constatado que o precedente administrador decaiu muito... e que nos tivemos que escutar reflexões desagradáveis a seu respeito. Desde o início teve e tem ainda uma certa desconfiança. Guignol, como ele se transformou, virou um desastre e não atraía mais o público. Claro que, aos poucos uma clientela se formou; nós sentimos que nossos esforços foram recompensados, mas ainda falta algum tempo para estabelecer a situação e fazer com que o Guignol da Pépinière seja um atrativo como nós avíamos feito para o Guignol de France em temporada.¹³

Todo esse comentário do senhor Zilliox, parece um pouco desproporcional, ao meu ver, se nem sempre havia grande público, era pelas novas obrigações do espaço e não pela qualidade dos espetáculos da antiga companhia. Paul Cordier estava doente: durante os últimos anos, os espetáculos de Guignol, tiveram que ser apresentados por outros artistas, talvez inexperientes. Graças a algumas correspondências da época sabemos que o Guignol, após a guerra e a tempestade, foi totalmente deteriorado. Estão aí talvez, algumas das razões que motivaram as reflexões que Zilliox afirma ter escutado da boca de alguns espectadores. Sobre um ponto eu estou de acordo com ele: é verdade que existia uma tradição de teatro gratuito na Pépinière de Nancy, pois uma grande parte do público não pagava, ficava assistindo do lado

¹² ZILLIOX Jean, *Rapport d'activité Société Guignol de France 1956*.

¹³ Ibid.

de fora das barreiras. É o espaço fechado que fará desaparecer uma parte do público no início. É preciso levar em conta que no período de Cordier, o pequeno teatro conseguia instalar 500 crianças (pagante) por apresentações! Sem contar todos aqueles que ficavam do lado de fora das barreiras. Com o novo teatro, o número de lugares foi limitado a 212 por apresentações; e o público, que tinha o hábito de ir gratuitamente, foi excluído, por falta de espaço no novo local. Conforme os registros, sabemos que as associações e os orfanatos tinham o hábito de assistir gratuitamente os espetáculos de Paul Cordier. Mas, com os lugares reduzidos no novo teatro, eles foram excluídos das apresentações habituais por falta de espaço. No entanto, alguns anos mais tarde, os Zilliox fizeram algumas apresentações especiais gratuitas, reservadas para crianças de família carente e orfanatos.

Se os Zilliox conseguiram ter 12 mil espectadores desde o início, é também graças ao público pagante, habituados do Guignol de Paul Cordier, que continuaram a ir ao novo teatro. Aqueles que não tinham condições de pagar, se resignaram e desertaram o espaço. E aqueles que tinham condições financeiras continuaram a ir ao teatro e a pagar para ver o Guignol.

4.2 Família Zilliox e a apropriação do Castelet

Com o passar dos anos, os Zilliox conseguiram fidelizar o público, que a cada temporada, aumentava. O clima, era o único inconveniente, pois, durante os dias de chuva, os pais evitavam de trazer as crianças. Mesmo sendo um espaço fechado, o teatro era coberto apenas por uma lona de plástico, e durante a chuva, fazia um barulho infernal que espantava o público. Conforme os registros, esta cobertura de plástico será utilizada até os anos 70. Ela será substituída alguns anos mais tarde por um verdadeiro telhado.

Desde a primeira temporada, a Prefeitura de Nancy, ficara muito satisfeita da qualidade e da diversidade dos espetáculos apresentados pela *Société Guignols de France*. Temos que admitir que durante o período Zilliox, existia uma verdadeira preocupação com a estética e a qualidade artística dos espetáculos, de modo a preservar o interesse do espectador pelo Teatro de Guignol.

No entanto, na época de Cordier, o espetáculo de Guignol mesmo, nem sempre era programado, deixando as vezes espaço para espetáculos de dança e todo tipo de animações. Todo ano Zilliox, antes do início da temporada, contrariamente a seu predecessor, apresentava a administração municipal a lista dos espetáculos que a companhia pretendia programar, para receber o aval dos mesmos. De acordo com algumas correspondências, que

tive acesso, a Prefeitura de Nancy nunca censurou ou interferiu no conteúdo dos espetáculos. A administração municipal estava muito satisfeita com as prestações da companhia. Logo pós as primeiras temporadas, Zilliox vai obter o direito de vender guloseimas durante os entre atos, uma vez que a prefeitura tinha se certificado que não havia nenhuma concorrência com os outros comerciantes da Pèpinière. Zilliox vai abrir o teatro três dias por semana, no domingo, na terça-feira e na quinta-feira, de abril a setembro, trocando a programação todas as semanas, o que dará espaço para um repertório de peças bastante extenso de 1954 a 1996 e criando peças novas a cada ano. Neste período era de uso fazer uma noite de gala na abertura da temporada. Para a ocasião, Zilliox convidava as personalidades artísticas e políticas de Nancy para assistir o espetáculo e durante o coquetel era apresentada a programação das peças que seriam encenadas durante toda a temporada. Com base nessa programação, cito uma breve lista de peças que foram apresentadas no *Théâtre de Guignol de la Pèpinière* pela *Société Guignol de France*: **Guignol chez les Peaux Rouges** – em 2 atos (1956); **L'anneau Magique de Merlin l'Enchanteur** – Peça fantástica em 2 atos e 7 quadros; **Le Bar Du Vieux Port** – Peça Marseillaise em 2 atos e 6 quadros com ballets Provençaux ; **Guignol Calife de Bagdad** – Conto oriental em 2 atos e 6 quadros (1969); **Guignol et le Toréador** - Gala em 2 atos e 5 quadros com a corrida de touros; **Le petit Poucet sauvé par Guignol** – Conto de Fadas em 2 atos e 8 quadros; ... E com base nos títulos das peças, podemos deduzir que Zilliox adaptou vários contos e fabulas para serem encenadas pelo Guignol, que, em sua base não era reservado a um público infantil. Portanto, é possível dizer que existia um grande esforço da parte da companhia para adaptar seu repertório a um público muito mais jovem do que eles estavam habituados em suas temporadas fora da Pèpinière. Conforme Zilliox, um marionetista deve se esforçar para encontrar «*os caminhos da sensibilidade infantil*»¹⁴. Contudo, o Castelet é um tipo de teatro que é ideal para as crianças.

A abertura da cena é mais elevada em comparação com o resto do castelet, o que acaba escondendo os manipuladores. Os personagens podem, então, oferecer as crianças a ilusão passageira de viver de maneira autônoma. E, ao mesmo tempo, os mais assustadores, dentre eles, não tem a

¹⁴ Zilliox Cité par Annie GILLES, *Le jeu de la marionnette : l'objet intermédiaire et son metathéâtre* - Ed. Presses Universitaires de Nancy 1987 – p. 45.

*possibilidade de sair de sua caixa e é bem raro que o medo ultrapasse os limites do suportável.*¹⁵

Zilliox terá bastante sucesso, as aventuras de Guignol vão encantar os espectadores durante vários anos. Entretanto, com a chegada da televisão, os espectadores se farão cada vez mais raros, e o Guignol da Pépinière acaba perdendo um pouco de seu brilho do início. Contudo, ele ira continuar a fazer sonhar as crianças por mais alguns anos, independente da concorrência da televisão. Com o passar do tempo, os adultos vão associar a imagem do Guignol a algo démodé e sem interesse didático. No entanto “*independente de sua estética obsoleta, esse espetáculo suscita nas crianças um grande interesse que se traduz notadamente por uma participação apaixonada e ativa seguida de um retorno a estado de calma*»¹⁶. Afirma Annie Gilles, sobre o espetáculo *Guignol et la légende de La fleur merveilleuse*, apresentado em setembro de 1972 na cidade de Charleville-Mézières por Jacques Zilliox.

Os Zilliox, desde o início da concessão do Teatro em 1955 até 1996, vão fazer parte da tradição do espaço. Hoje, quando falamos no Teatro de Guignol na Pépinière, seu nome é sempre associado ao da família Zilliox, e nunca é mencionado o trabalho de seu predecessor Cordier, que durante vinte anos, contribuiu muito para que o Teatro de Guignol seja inscrito na programação anual da Pépinière de Nancy. O fato que os nancéens se recordam muito mais dos Zilliox, não é somente graças a qualidade dos espetáculos, mas também e sobretudo porque eles chegaram junto com o espaço. Foram os Zilliox que tiveram o prazer de inaugurar o novo *Théâtre de Castelet* da Pépinière e eles ficaram neste espaço durante 41 anos. Portanto, eles farão parte da história do teatro, enquanto as lembranças do *Castelet* de Paul Cordier, irão se apagar com o lugar. As lembranças do Guignol de Paul Cordier, são muito mais efêmeras, e depende da memória das gerações que conheceram o seu Castelet. Além do mais existe poucos registros e documentos de seu período na Pépinière. Talvez, a Segunda Guerra tenha contribuído para apagar estas lembranças, mas também porque Paul Cordier não deixou sucessor. A empresa *Guignol Paul Cordier* não sobreviveu ao falecimento de seu fundador.

¹⁵ Annie GILLES, *Le jeu de la marionnette : l'objet intermédiaire et son metathéâtre* - Ed. Presses Universitaires de Nancy 1987 – p.52-53.

¹⁶ Ibid. p. 45.

Em 1996, após 41 anos, a aventura chega ao final para os Zilliox. O motivo? Falta de sucessor, pois nenhum dos dois netos de Jean Zilliox não teve interesse em dar continuidade a tradição teatral de seus ancestrais. A tradição do Guignol da Pépinière de Nancy não será mais perpetuada. Ela irá desaparecer de uma vez por todas com a morte de Jean Zilliox, a única coisa que restará será sua memória. Alguns anos mais tarde, seu neto, Gérard Zilliox, vai lhe dedicar um livro¹⁷, onde ele conta a história da *Société Guignol de France* e presta homenagem a seus antepassados. Ele criará também um museu¹⁸ à Limoges, onde será reunida toda a coleção de marionetes da família. Da coleção constam exatamente: 400 marionetes de madeira de *tilleul*, 50 marionetes de pelúcia, 20 maquetes de cenário, 300 cenários, 20 maquetes de figurinos, 200 figurinos e acessórios, 100 pinturas de cenário, 2 *castelets* e acessórios de cena. Também 300 textos de peças, documentos de *mise en scène*, de correspondência e documentos de produção. A tradição do Teatro de Guignol nos jardins da Pépinière, não será mais assegurada, mas o espaço continuará a existir e será sempre um teatro de marionetes destinado a um público infantil, e seus espetáculos serão bastante diversificados, assim que suas técnicas de manipulação. Com a chegada da Companhia Mercy em 1997, o gênero Guignol - marionetes com cabeças de madeira e corpo como uma luva - será substituído por marionetes *à tiges* ou manipuladas sobre a mesa. A história e a estética dos espetáculos da nova companhia estarão em total ruptura com o estilo tão peculiar do Teatro de Guignol.

¹⁷ Gérard ZILLIOX, *Guignol de France, direction Jean et Jacques Zilliox*- Ed A.N.A.M. Paris - 2000

¹⁸ *Musée du Guignol de France*: 47, rue Jan Pouya t-87100 - Limoges



«Pour Cécile Giteau, ‘marionnette’ se définit par ‘figure ou objet animé par l’homme en vue de créer un spectacle’. Tout objet peut donc devenir une marionnette à partir du moment où un homme l’anime devant des spectateurs. Le spectacle de marionnettes s’inscrit dans un processus de communication qui place le manipulateur, émetteur du spectacle, en présence du spectateur, son destinataire. La marionnette est un intermédiaire entre le producteur du spectacle et le public.»

(Annie GILLES, 1987, p. 19)

5. O PERÍODO MERCY (1997 até Hoje)

5.1 A transição

Em 1996, a sociedade *Société Guignol de France* encerra de uma vez por todas sua atividade no Teatro da Pépinière, e um grupo de teatro amador vai assumir as apresentações. Esta primeira temporada com artistas amadores, vai fazer o público se afastar do teatro. O amadorismo da trupe vai acabar com a dinâmica do espaço, o teatro chegará aos níveis mais baixos de toda sua existência, tanto na qualidade artística, quanto no número de frequência. Para tentar trazer novamente o público, a Prefeitura de Nancy vai dar a concessão do teatro a Philippe Mercy, um artista profissional, especializado no teatro de marionetes.

No ano de 1997, a *Compagnie Mercy*, dirigida pelo marionetista Philippe Mercy, se instala de maio a setembro no teatro. Desde sua chegada, Philippe Mercy troca o nome do espaço. Uma nova página da história do espaço é iniciada, o tradicional nome *Guignol de La Pépinière* que fez sonhar gerações de crianças desde 1934, será rebatizado então, *Aux Marionnettes de La Pépinière*. Foi uma mudança difícil, mas necessária, conforme Mercy, pois com a sua companhia não teria mais espetáculos de Guignol. Na época, a cada pessoa que lhe perguntava o motivo da troca do nome, do espaço, ele respondia, “*Eu sou um marionetista e não um guignolista. Guignol. Além de ser uma instituição, é também uma técnica que tem seus obstáculos. Com as marionetes de luva (de manipulação inferior) que apresentam seus personagens de tamanho reduzido, com seus movimentos ‘saccadés’ (quebrados), rápidos e sem delicadeza, e seus braços rígidos. E isto não é a minha prática. E eu prefiro uma prática teatral que esteja inscrita numa busca mais onírica*”¹⁹. Portanto, é um novo gênero teatral que se instala na Pépinière.

Com a troca do nome, ele marca uma ruptura radical na dinâmica do espaço assim como na estética e na diversidade dos espetáculos apresentados no teatro de jardim. Esta escolha artística dá a possibilidade ao público da Pépinière descobrir uma nova experiência artística, mas, também, uma abertura aos diferentes técnicas de marionetes. Quando a *Compagnie Mercy* chegou na Pépinière, eles tentaram trazer uma nova dinâmica, um conteúdo diferente procurando se diferenciar, e optando por nunca trabalhar com o tradicional espetáculo de Guignol. Isto simplesmente porque a companhia não trabalha com esta técnica, e Philippe

¹⁹ Philippe Mercy entrevistado por Ghislain UTARD, no jornal *Est Républicain* – 30 abril 1998

Mercy queria se afastar de um estilo particular, para poder trabalhar, em um primeiro tempo, com marionetes ou manipulando *sur table*. Em 1995, a companhia tinha criado *Vertigo, l'araignée malicieuse*, um espetáculo de marionetes, adaptado de um conto da Amazônia, utilizando técnicas de manipulação sobre mesa *sur table* com três manipuladores. Em 1997, Philippe Mercy vai remontar este mesmo espetáculo adaptado para as necessidades técnicas do espaço. Ele vai transformar toda a estrutura do espetáculo, para ser encenado por uma só pessoa com a técnica de marionetes *à tiges*. O espetáculo vai ser um sucesso, de uma parte, graças a novidade da dramaturgia, e, de outra parte, por conta da diversidade dos personagens. As crianças que estavam bastante acostumadas com os personagens recorrentes do Guignol, ficaram muito contentes de descobrir personagens diferentes, com gestos mais fluidos e articulados.

Portanto, desde sua chegada, a companhia prefere criar espetáculos especialmente adaptados para o espaço. Contrariamente ao teatro de Guignol, que tinha espetáculo destinado a um público mais largo, a *Compagnie Mercy*, prefere escolher seu público. É neste sentido que eles se arriscam a criar espetáculos reservados a um público de 3 a 10 anos acompanhados por seus familiares. «*Eu gostaria que os pais assistam aos espetáculos e dividam esse prazer com os seus filhos e não saiam para passear enquanto os filhos estão na apresentação*» Explica Philippe Mercy²⁰.» Ele vai criar espetáculos com um vocabulário simples e com muito humor, adaptado para as crianças, mas acrescentando, quando possível, alguns cacos, *clins d'œil*, destinados aos adultos. E, aos poucos, eles conseguem mudar completamente os hábitos do espaço. Durante o período escolar, ele vai procurar trabalhar em colaboração com as escolas e creches da comunidade, propondo tarifas de grupo e apresentações a guichê fechado durante outros dias da semana, como quinta e sexta-feira (fora dos dias e horários habituais: quarta, sábado e domingo à tarde). E durante as férias ele faz parcerias também com os espaços de colônias de férias e associações. Essa estratégia vai dar muito certo, desde as primeiras temporadas, ele consegue levar 20 escolas, ou seja um total de 10 mil espectadores passaram pelo teatro da Pépinière.

Eu considero meu Castelet como um espaço de formação para os espectadores. A maioria nunca assistiu a um espetáculo de teatro, consomem somente televisão e cinema. Por isto eu faço questão que as marionetes da Pépinière funcione como um verdadeiro teatro, com um

²⁰ L'Est Républicain – 09 juillet 1998

*ambiente intimista, cheio de humor. E que também seja destinado aos pais, sem perder de vista que minha prioridade é as crianças*²¹.

No começo a *Compagnie Mercy*, como todas as outras que passaram pelo teatro, é uma trupe familiar, formada por Philippe Mercy o marionetista e sua esposa Kathy Mercy que ficava na bilheteria. Mercy era uma espécie de “pau pra toda obra” do espaço (*l’homme à tout faire du lieu*), ele escreve, dirige, manipula e empresta sua voz a todos personagens. Ele cria o espetáculo do início ao fim. Philippe Mercy é um verdadeiro homem-orquestra, o que causara uma certa admiração dos habitantes de Nancy.

*Apaixonado pelas marionetes e a pantomima, ele cria uma empresa, onde ele é o único assalariado. Ele escreve suas próprias histórias, fabrica as marionetes, realiza a cenografia do espetáculo e “dá vida a seus personagens”*²².

5.2 Philippe Mercy: o homem-orquestra do Théâtre Les Marionnettes de la Pépinière.

Philippe Mercy nasceu na pequena cidade de Villerupt, mas após alguns anos ele vai se instalar com sua esposa Kathy à Villers-Saint-Etienne. Na base ele se destinava ao cinema de animação. “No início, eu não destinava fazer espetáculos de marionetes. Eu me orientava para a área do filme de animação ou dos efeitos especiais.”²³. Enquanto ele seguia o curso de cinema na Universidade de Nancy, ele estava inscrito como candidato livre no curso de Mime e Pantomime com um professor chamado Erwin Becker. A princípio o que lhe interessava era aprender a arte da mime e da pantomime para poder aplicar suas técnicas nos movimentos dos personagens nos filmes de animação. O encontro com Erwin Becker, um mime e pantomime profissional, vai mudar sua trajetória de vida. Rapidamente, uma verdadeira sintonia se instala entre professor e aluno, e ele será convidado a fazer parate da trupe *Les Comptes et*

²¹Philippe MERCY -- Entrevista concedida a Jacques GODOT no jornal *L’Est Républicain* du 13 mai 1999

²²Stéphane LINO – *Est Républicain* 29 août 1999

²³Philippe Mercy - Entrevista concedida durante minha pesquisa.

Légendes dirigida por Erwin Becker. Eles irão trabalhar juntos durante alguns anos e mais tarde ele vai explorar diferentes técnicas de manipulação de marionetes. *“Integrando a companhia, rapidamente, eu subi no palco e nós criamos espetáculos que incluíam manipulação de marionetes. Uma vez que o vírus do teatro nos pega - o gosto pelo palco - fica difícil de fazer outra coisa.”*²⁴

Após alguns anos de colaboração, Erwin Becker decide retornar definitivamente ao Peru. É durante este momento que Philippe Mercy começa a voar com suas próprias asas. Em 1985, ele cria os linques que faltavam em aliando a pantomime, a iluminação e o objeto manipulado em suas próprias encenações. Ele irá criar uma companhia com alguns colegas da antiga trupe onde ele será o diretor. Mas é em 1997 com a reprise do teatro de jardim do Parque da Pépinière, que ele irá criar sua própria trupe com sua esposa Kathy. No início Kathy ficava na bilheteria e Philippe Mercy, assumia sózinho as manipulações, mas com o tempo, conforme as necessidades dos espetáculos, ele irá chamar outros artistas. O teatro de Philippe Mercy é um teatro de manipulação e de ilusão. Suas histórias misturam contos e lendas e abordam temas atuais com muita poesia e humor. Desde o início, ele cria um a três espetáculos por ano para serem apresentados especialmente ao público infantil Pépinière. Com o passar dos anos, Philippe Mercy alterna novos espetáculos com criações mais antigas. No ano 2000, a companhia chega a propor um espetáculo diferente quinzenalmente.

5.3 A Compagnie Mercy e a apropriação do espaço

Quando eles chegaram o espaço estava abandonado, não tinha mais interesse do público e os grupos escolares não iam mais no teatro. Ele teve que recuperar o espaço quase do zero, pois o lugar acabou tendo uma imagem um pouco pejorativa consequente ao amadorismo da trupe precedente.

Em Nancy todo mundo conhece o Guignol da Pépinière, mas no espírito das pessoas continua sendo o Guignol. Então um espetáculo essencialmente infantil, onde se faz gritar as crianças, ... é a história do Guignol que vai bater com seu cassetete no policial para roubar as pessoas e fazer festa com

²⁴Philippe Mercysobre guignols - Entrevista concedida durante minha pesquisa.

o dinheiro que ele recuperou. Ao nível da dinâmica dos espetáculos que nós propomos, não nos inscrevemos numa dinâmica deste tipo. Os espetáculos que nós colocamos em cena são contos ou lendas pouco conhecidos do grande público, ou criações sobre temas que são importantes para nós: a tolerância, a diversidade, o imaginário, a poluição, a coleta seletiva do lixo, o civismo...De qualquer maneira são espetáculos que não tem objetivo de ter uma moral, mas onde as crianças possam aprender alguma coisa mesmo assim .²⁵.

Os espetáculos são criados especialmente para o público infantil, exigem que os adultos os acompanhem. Desde os três primeiros anos, o público evoluiu. No início, o público era na sua maioria os passantes (pessoas que iam passear na Pépinière e que descobriam um espaço de espetáculo). Mais tarde, eles conseguiram fidelizar seu público. Atualmente a companhia atinge na sua maioria um público de fiel e alguns passantes. No geral é um público popular, formado por gente que não tem o hábito de ir assistir espetáculos fora da Pépinière, ou seja, não vão ou vão muito pouco a outros teatros. Para Mercy, o teatro de jardim da Pépinière é um espaço rico e cheio de interesse, pois ele permite a formação de um público: iniciar as crianças a uma prática teatral que poder ser muito diversificada, tanto no nível e na forma, quanto no conteúdo. Eles tem a oportunidade de iniciar um público de escolares, mas também crianças e familiares.

Ai está todo o interesse, como uma grande parte do publico que eu atinjo não vai ao teatro, pelo amontoamento das crianças, eu também acabo formando um público de adultos, e de qualquer maneira despertando o interesse pelo teatro²⁶.

Eles conseguiram formar e fidelizar os espectadores, praticamente desde o primeiro ano. Atualmente, a companhia tem uma media de seis a oito mil pessoas por temporada. Quando Philippe Mercy chega na Pépinière, ele já tem três espetáculos infantis prontos da sua antiga trupe, mas que eram destinados a serem encenados por três ou quatro atores. Como ele foi convidado a dirigir o espaço sozinho, ele teve que adaptar as necessidades do espaço, pois ele deveria atuar sozinho em um Castelet.

²⁵Philippe Mercysobre guignols - Entrevista concedida durante minha pesquisa..

²⁶Philippe Mercy- Entrevista concedida durante minha pesquisa.

Entre 1997 e 2000 ele vai programar três espetáculos por temporada. Com o passar dos anos ele terá um repertório cada vez mais consequente. Ao total ele terá uns vinte espetáculos diferentes, o que lhe permite alternar e propor um espetáculo diferente todos os 15 dias. A partir do ano 2000 a programação será fixa, e apresentação de um espetáculo diferente quinzenalmente virá regra. Ao mesmo tempo ele cria um a dois espetáculos novos por temporada. O que faz crescer ainda mais o repertório após 15 anos.

*A ideia de propor espetáculos quinzenalmente surgiu em 2000, porque nós queríamos nos diferenciar “marquer le coup”. Nós tínhamos material suficiente, ou seja espetáculos para poder fazer o rodizio e assegurar o numero de apresentações suficiente para propor o ano seguinte uma programação diferente. Hoje o ritmo de produção dos espetáculos é em média de um, dois e até três espetáculos novos por ano, e sempre com uma criação especialmente destinada ao teatro de marionetes da Pépinière, que geralmente é apresentado no mês de agosto.*²⁷

Durante estes 15 anos, ele programa espetáculos diversificados tanto na técnica de manipulação, quanto na estética e na temática. Desde o início, ele tem carta branca para a escolha do programa e dos temas dos espetáculos. A prefeitura de Nancy terá inteira confiança no seu trabalho e nunca irá interferir na escolha da programação nem nos temas dos espetáculos. Isto permite que ele tenha grande liberdade de criação.

*Eu escolho o tema das minhas peças em função das minhas preocupações e dos meus desejos. Eu falo sobre tolerância, aceitação das diferenças, da coleta seletiva do lixo. Eu alterno com a magia dos contos de fadas. Meus cenários sugerem mais do que descrevem. Eu faço um importante trabalho sobre a iluminação, a encenação, a sonoplastia, as vozes dos personagens.*²⁸

“ Ele faz sobretudo brilhar de alegria os olhos das crianças ... com a cumplicidade dos grandes”.²⁹ O processo de criação pode partir de um conto ou de uma lenda, geralmente estrangeira, que ele adapta livremente trabalhando a escrita para o teatro de marionetes.

Para alguns espetáculos, ficara apenas os títulos ou o argumento do conto ou talvez um ou dois personagens. Eu tomo muita liberdade nas minhas

²⁷Philippe Mercy- Entrevista concedida durante minha pesquisa.

²⁸Mercy dans L'Est Républicain du 13 mai 1999 - propos recueilli par Jacques Godot

²⁹Mercy dans L'Est Républicain - 30 avril 1998 - propos recueilli par Ghislain UTARD

criações e eu gosto muito de jogar com este modo de criação. Então, em um determinado momento, isto vai ser mais um trabalho de escrita, com objetivo de criar um espetáculo. Já, em outros momentos, vai ser um personagem ou um tema que me interessa e com o qual eu gostaria de trabalhar, o que foi o caso para «Yori et Cracado» que é um espetáculo sobre a poluição e a coleta seletiva do lixo. Para outros espetáculos, o processo de criação parte da fabricação das marionetes, e depois eu me deixo levar pelo jogo e pela experimentação teatral. Em outras vezes eu me imponho um “canevas” (ideia, tema ou quadro) e depois eu me consagro a escrita, de maneira a ter uma forma, alguma coisa coerente.³⁰

A primeira peça que a companhia irá apresentar para as crianças da Pépinière em 1997 será ***Boulli et Le Caillou Magique***. É um espetáculo de marionetes criado especialmente para a ocasião. É uma criação de 60 minutos para ser manipulado por um único manipulador, que coloca em cena 5 marionetes a “*tiges*”(com varas)de grande formato.A história é simples e acessível a um público de 3 a 10 anos. Infelizmente não encontrei artigos de jornal que falasse da versão de 1997. Mas eu tive a oportunidade de assistir essa peça durante a temporada de 2010. ***Boulli et Le Caillou Magique*** é uma peça muito interessante, com uma *mise en scene* poética que utiliza iluminação intimista e alguns efeitos especiais (luz negra, cortina de fumaça...) para recrear uma atmosfera mágica e misteriosa. Tudo isto causa um grande efeito nas crianças que ficam boquiabertas, encantadas pelos movimentos fluidos dos diferentes personagens. De acordo com Philippe Mercy, a encenação não mudou muito depois de 1997, a iluminação e os efeitos especiais são os mesmos. Imagino que em 1997 as crianças ficaram também, ou até mais impressionadas pelo espetáculo. Para o segundo mês foi programado ***Vertigo, l'araignée malicieuse***, um espetáculo de 60 minutos adaptado de um conto da Amazônia. Ele coloca em cena 7 marionetes manipuladas por Mercy. A técnica é a mesma usada no espetáculo precedente: grande formato à *tiges* (vara). É um espetáculo extremamente acessível aos bebês e crianças, por ser muito visual, poético e musical. Eles usam músicas tradicionais das tribos indígenas da Amazônia. As sete marionetes são todas muito coloridas. As crianças de 2010 tem uma preferência especial pelo personagem Vertigo, uma simpática aranha fabricada com tecido de pelúcia preto. Esta preferência se dá talvez por conta da sua forma e de sua voz bastante cômica, assim que seus movimentos rápidos e ritmados. Conforme Philippe Mercy, Vertigo depois sua primeira

³⁰Philippe Mercy- Entrevista concedida durante minha pesquisa.

aparição em 1997, se tornou uma espécie de star para as crianças da Pépinière. Coisa que se confirma em 2010. Mas voltemos ao primeiro ano da companhia ao *Castelet*, este ano será programado *L'île aux Chats* adaptação livre de um conto japonês. Desta vez eles utilizaram marionetes *à tiges* (com varas) *à gaines* (que tem a mesma técnica de manipulação que o Guignol). Para fechar a temporada a companhia apresenta *Yori et Cracrado* uma criação que aborda o tema da poluição e da coleta seletiva do lixo. As técnicas utilizadas são de marionetes *à tiges* grande formato. *Yori et Cracrado* é um espetáculo bastante musical, não sei qual foi a reação do público em 1997, mas em 2010 as crianças dançavam e cantavam junto com os personagens. Philippe Mercy cria e registra uma trilha sonora original, para poder cantar ao vivo durante as apresentações. E a música funciona as mil maravilhas, as crianças e os adultos acompanhantes parecem apreciar o “*rythme and blues*” do espetáculo. Além do mais existe neste espetáculo ótimos efeitos visuais e musicais, na encenação de 2010. Conforme Mercy, o espetáculo de 1997 foi um sucesso e fez com que as crianças voltassem ao teatro no ano seguinte.

Em 1998 a *Compagnie Mercy*, vai programar *Yori et Cracrado*, *Boulli et Le Caillou Magique*, e *L'île aux Chats* assim que dois novos espetáculos *Têtard et Triton* e *Les Sotrés*. *Têtard et Triton* é a segunda peça ecológica, mas desta vez ele coloca em evidência o problema da água. *Têtard et Triton* é um espetáculo de 60 minutos onde Philippe Mercy, sozinho, dá vida a sete marionetes. As técnicas para dar vida a todos estes personagens são sempre as mesmas, marionetes *à tiges* e grandes formas. Inclusive no *Têtard et Triton* nós encontramos uma marionete conhecida da temporada precedente, o sapo Cracrado, do espetáculo *Yori et Cracrado*. É a primeira vez que a companhia reutiliza um mesmo personagem em dois espetáculos diferentes. Uma escolha econômica, mas também uma maneira de familiarizar as crianças com o Cracrado, que ira se tornar uma estrela das temporadas assim como a marionete Vertigo.

Esta proposta de utilizar as mesmas marionetes em diferentes espetáculos vai virar uma marca de fábrica da companhia. *Les Sotrés* é o último espetáculo da temporada de 1998. *Les Sotrés* é uma experiência muito interessante do ponto de vista regional. Pela primeira vez o grupo coloca em cena um espetáculo inspirado no folclore da região Lorraine. Mercy continua a manipular sozinho, mas desta vez ele irá acrescentar novas técnicas. Além de utilizar marionetes a « *tiges* », ele vai acrescentar técnicas de teatro de sombras. “*Eu amo variar as técnicas para criar situações oníricas (...) Os meus espetáculos funcionam muito mais com o imaginário do que com um sistema de cenários claramente desenhados, como é o*

Guignol.³¹ **Les Sotrés**, o espetáculo que coloca em cena *lutins vogiens*, será muito bem recebido pelo público e pela imprensa regional. Conseqüentemente, tendo em vista o interesse do público por contos regionais, a companhia vai continuar nesta linha para próxima temporada.

Em 1999, o centenário obriga Philippe Mercy criar um espetáculo que resgata a vida dos habitantes de Nancy em 1900. **NANCY 1900** é uma farsa histórica que apresenta a vida das crianças no Nancy de 1900. Com bastante imaginação e fantasia, a companhia vai transpor os pequenos nanceíens no Nancy de 1900. “*Eu adoro a vida de 1900, através do olhar de uma criança de nossa época*”³² explica Mercy. “*O espetáculo foi criado para as crianças de 5 a 8 anos, mas o seu lado histórico agrada bastante os pais.*”³³ nos conta Philippe Mercy. Para este espetáculo, ele faz um grande trabalho de pesquisa histórica, reproduz um cenário gigante a partir de cartões postais da cidade de Nancy da época. Seu esforço estético e artístico funciona bem, pois conforme Estelle SCHIMITT, “*as crianças, de início, entram no jogo, elas participam durante o espetáculo e respondem aos personagens.*”³⁴.

A segunda criação da temporada de 1999 é **Babayaga, La Sorcière**, uma livre adaptação de um conto russo. É um espetáculo que durante 60 minutos, Mercy, o único manipulador, dá vida a oito marionetes *à tiges*. A *mise en scène* e os cenários são simples. Os personagens muito bem feitos e engraçados, principalmente Babayaga, uma bruxa extremamente divertida e que com o tempo, irá se transformar em mais um personagem emblemático da companhia. No início, a única preocupação de Philippe Mercy, era de criar espetáculos de qualidade que possam ser acessíveis ao público infantil. Com o passar do tempo, mesmo que os espetáculos continuassem reservados a um público de 3 à 10 anos, existia um interesse crescente da parte das crianças de mais de 10 anos. Mercy se dedica, então, a criar peças que pudessem atingir um público mais amplo.

No ano 2000, ele decide abrir seus espetáculos a todos os públicos. Ele irá manter a qualidade dos espetáculos, sempre tentando conservar uma estética muito visual e uma dinâmica nos textos, para que possam continuar a ser apreciados pelas crianças mais pequenas. Mercy cria espetáculos para o *Castelet* até o ano de 2002. Em seguida, ele vai preferir sair do *Castelet* para manipular a cena, à vista do público. Para a temporada de 2002, ele apresenta, com seu irmão, **MOUFETTE qui pète**, uma criação de 50 minutos para dois manipuladores. Philippe Mercy e seu irmão Daniel Mercy manipulam, *sur table* e à vista dos

³¹ Mercy dans Est Républicain – 09 juillet 1998

³² L'Est Républicain du 26 juillet 1999

³³ Ibid.

³⁴ Ibid.

espectadores, 5 marionetes. É uma grande revolução para o público habitual do *Théâtre de Castelet de La Pépinière*. Pela primeira vez, as marionetes saem do Castelet, e correm o risco de assustar alguns pequenos espectadores. Na verdade, mesmo que o *Castelet* seja uma espécie de miniatura da *cena italiana* “A abertura da cena é mais alta em relação ao resto do *Castelet* que esconde os manipuladores. Os personagens podem, então, oferecer as crianças a ilusão passageira de estarem vivos de forma autônoma. E, ao mesmo tempo, os mais assustadores entre eles não tem a possibilidade de sair da sua caixa, é muito raro que o medo passe o limite do suportável.”³⁵ Uma das frases utilizadas por Mercy, após alguns anos, antes do início de cada apresentação, vem confortar as crianças: “Não precisa ter medo, as marionetes não saem do *Castelet*, elas não vão no público.” Mesmo que ele manipule fora do *castelet*, ele indica sempre, antes de cada espetáculo, a delimitação do espaço físico ou virtual onde as marionetes vão evoluir. Desta maneira reduziram as crises de choros das crianças menores, a cada aparição de marionetes mais assustadoras. Com o passar dos anos a trupe de Philippe Mercy ira apresentar aos habituados do *Théâtre de Castelet La Pépinière*, novas técnicas de manipulação de marionetes assim que novas formas tecnológicas visuais e sonoras que os distanciam cada vez mais do velho *Guignol*. Somente uma vaga e fina aparência nos faz pensar que o *Guignol* é a recorrência de certos personagens. Pois, de uma certa forma, como para o *Guignol*, nós encontramos muitos personagens que aparecem em mais de um espetáculo da *Companhia Mercy*. Mas não se trata de uma série. É neste sentido que Mercy afirma: “São personagens que eu tenho um apego, e não um sistema de personagens que se transformariam em uma série como foi o caso do *Puncthe* na Inglaterra ou o *Guignol* a Lyon.”³⁶ Em seus espetáculos a lista de personagens recorrentes é grande: encontramos *Vertigo*, a aranha maliciosa, *Romualdo* a larva, *Vasilisa* uma menina russa, *Babayaga* a bruxa e outros. Estes personagens vão intervir em vários espetáculos, e guardam seus nomes, suas características, mas as histórias são muito independentes uma das outras. Não existe uma continuação de espaço tempo ou de percurso. Para Philippe Mercy

São personagens que tem uma simpatia, seja pela sua aparência ou forma de manipulação e isto tem duas utilidades. A primeira é permitir que personagens possam voltar e que o público possa se identificar: -Ah, este aqui eu conheço, ele funciona assim. E a segunda utilidade é econômica, pois ela permite que façamos espetáculos

³⁵Annie GILLES, *Le jeu de la marionnette : l'objet intermédiaire et son metathéâtre* - Ed. Presses Universitaires de Nancy 1987 - p. 53.

³⁶Philippe Mercy- Entrevista concedida durante minha pesquisa.

*diferentes com as mesmas marionetes. Mas isto não é o objetivo primeiro.*³⁷

Um bom exemplo desses personagens recorrentes é Babayaga. Ela foi criada para um espetáculo que se chama *Babayaga La sorcière*. E nós vamos encontrá-la em um outro espetáculo intitulado, *La sorcière veut um bébé*, que não tem uma ligação direta no que diz respeito ao enredo, mas onde seguimos a história desse personagem. A regra é que geralmente os personagens guardem seu caráter, sua identidade, sua história, sua energia e suas características. Ou seja, sua unidade. Cada personagem tem sua característica específica. Vertigo, a aranha maliciosa, é um personagem muito alegre. Ela é uma aranha malandra e ao mesmo tempo muito ingênua. Os personagens de Mercy são raramente maquiavélicos, nem todo do bem nem todo do mal. « *Eu gosto de jogar com os limites e as margens, estender as margens... Em Vertigo, l'araignée malicieuse, é verdade que ela é cheia de malícia, mas ela não tem um fundo maléfico. Como cada um, nós temos direito ao erro e o direito a desculpa.*»³⁸. Para Babayaga, ela reproduz o clichê da bruxa que podemos encontrar nos contos de fadas. No entanto, ela guarda uma energia que transforma algumas de suas aparições extremamente simpáticas. Cracado, tem o perfil de monstro do pântano

No espetáculo *Yori et Cracadoe em Têtard et Triton*(peça sobre o tema do pântano e dos animais que vivem nesse ecossistema) Cracado é um personagem que tem uma dupla nuance. De um lado ele é muito *naïf*, e, de outro, ele é bastante concentrado sobre a moral, do que é bem e do que é mal. Yori é um rato *Black* que vive no pântano e que canta blues. “*É um personagem que eu gosto muito, tanto do ritmo da manipulação quanto do ritmo do personagem. O fato de poder fazê-lo cantar e lhe dar um lado meio “crooner” me pareceu interessante. É também um personagem muito simpático.*”³⁹

Seus espetáculos são, em sua maioria, bastante musicais. Eis uma coincidência, que me faz pensar no período Paul Cordier, que também usava bastante música em seus espetáculos de Guignol. Ainda mais que *Le Guignol Paul Cordier* tinha por hábito variar a formas dos espetáculos, um pouco como Mercy. A Companhia Mercy só não apresenta *crochets*, mas utiliza muita música em seus espetáculos, mas com o objetivo de pontuar certas ações ou para salientar os *leitmotivs* dos personagens. A maioria das músicas que eles utilizam em seus espetáculos, são tiradas do repertório clássico, e, de tempos em tempos, ele utiliza músicas

³⁷ Ibid.

³⁸ Ibid.

³⁹ Ibid.

mais contemporâneas. “Quando eu quero alguma coisa mais contemporânea, mais moderna, geralmente sou eu que sudo a camisa, e eu trabalho, eu “re-trituro” os sons e consigo criar alguma coisa que seja um pouco coerente.”.

Yori et Cracado é um espetáculo muito interessante pelo seu nível musical. Para esse espetáculo, Philippe Mercy, cria a trilha sonora e compõe as músicas ele mesmo. A ideia de fazer cantar os personagens, surgiu durante a manipulação. No início, ele queria que os personagens permanecessem com o funcionamento animal, mas logo, lhe pareceu interessante deixá-los chegar em um antropomorfismo. O fato de dar a réplica à Yori, lhe atribuindo um certo humanismo, deu vontade de fazê-lo cantar. É nesse sentido que ele cria então um rato rabugento que canta o *Blues*; é o *Blues* do banhado, que está poluído e que sofre. Yori utiliza a música para exorcizar seus medos em relação ao meio ambiente, que ele não reconhece mais. Como se não bastasse, ele é um rato alérgico as sujeiras do esgoto. Um rato alérgico, que não pode mais se esconder nos esgotos, é motivo bastante para, como diria os franceses, «avoir le Blues». Yori canta muito bem e ele incita as crianças que se entregam de corpo e alma, durante alguns minutos, cantando e dançando no ritmo cativante da canção. “Yori, ele é rabugento, ele tem um fundo bastante humano, desse modo ele é bem próximo do homem, em toda parte onde encontramos o homem, encontramos também o rato” afirma Philippe Mercy.

5.4 A Fabricação das Marionetes

Mercy utiliza materiais variados para a fabricação de suas marionetes. Coisa impensável na época do Guignol, cujo as marionetes eram feitas imperativamente de madeira e tecido. Por exemplo, para o espetáculo *Boulli et Le caillou magique*, a técnica utilizada é a do *papier mâché* para marionete à tiges. Para *Vertigo et l'araignée malicieuse*, será uma articulação em alumínio recoberta de pele sintética. Vasilisa, Babayaga e a bruxa do gelo, são marionetes à tiges fabricadas com látex com as técnicas utilizadas no cinema. Para o espetáculo *Piratas*, ele utiliza objetos do cotidiano para criar personagens ao vivo. Ou seja, é pela manipulação e a associação de objetos ente si, que os personagens ganham vida no palco. Em geral, e na maioria dos espetáculos, Mercy utiliza diferentes técnicas de fabricação, os materiais são diversos e quase sempre reciclado. Os contêineres de lixo são para ele um lugar cheio de recursos e materiais interessantes para serem recuperados. Ele é capaz de reciclar

tudo o que ele encontra e transformar em personagem. Essa fase de criação é um momento de muito *brique à broque*, de colagens, mais onde tem que ter acima de tudo muita imaginação.

O que me interessa no meu trabalho com as marinetes, é o aspecto criativo, tanto no meu atelier, em casa, que na parte de realização e de escrita (história), o desenho pela parte de ilusão e a pesquisa musical. É realmente uma fase criativa onde eu não me retenho pelos procedimentos, eu tento nunca me fechar em uma técnica particular, de maneira a poder oferecer uma maior diversidade na produção dos espetáculos e daquilo que podemos oferecer ao público⁴⁰.

Depois de alguns anos, *La Compagnie Mercy* trocou de nome para *Les Comptoirs Du Rêve*. A direção, estética e o conteúdo dos espetáculos continuam os mesmos, mas sempre com o cuidado de se renovar. Desde 1997, a companhia se instala regularmente na Pépinière de Nancy de maio a setembro. *La Compagnie Mercy*, hoje *Les Comptoirs du Rêve*, continua a guardar um ritmo de uma nova criação por ano, e uma programação em que os espetáculos se renovam todos os 15 dias. Uma vez que a temporada termina, ele retoma as suas atividades normais, propondo seus espetáculos na França e no exterior, mas sempre focando, sobretudo, uma difusão local (teatros, associações, pequenas comunidades e alguns festivais). A companhia *Les Comptoirs du Rêve*, após sua instalação na Pépinière, trabalha para fidelizar um público cada vez mais importante, que volta todos os anos. Esse público evoluiu muito, a cada temporada chega novas crianças, e os pequenos que cresceram com esta companhia continuam em sua maioria a vir prestigiar os espetáculos. A essência mesmo desse público permanece: crianças de 3 à 12 anos acompanhados de seus pais e muitas vezes avós. Entre estes últimos, nós encontramos alguns antigos espectadores, nostálgicos do *Guignol de La Pépinière*, mas que estão contentes de ver que o espaço continua a ser ocupado, e principalmente que ele continua a encantar tantas crianças.

⁴⁰

Ibid.

NANCY. - Kermesse à la Pépinière - 11 et 12 Mai 1913

1/9 - 1913 - E. Bernard.



«Et voilà que je pense à ceux et celles dont aucun livre ne parlera jamais, dont aucune histoire ne citera jamais les noms ou les travaux, engloutis qu'ils ont été par la violence, l'ignorance, la bêtise.

Je pense à cette femme juive qui dirigeait un théâtre dans le ghetto de Vilnö. Oui, un théâtre.

Prenant sur sa ration de pain de chaque jour, elle pétrissait et modelait de petites poupées de mie. Et tous les soirs cette femme affamée animait ces apparitions nourrissantes, faisant entrer ces acteurs de pain sur son théâtre minuscule, devant des dizaines de spectateurs affamés comme elle et comme elle promis au massacre. Tous les soirs, jusqu'à la fin.

Il faut garder la trace de cette femme comme une plaie inguérissable. Il le faut car, si nous oublions le petit théâtre de pain du ghetto de Vilnö, nous perdrons le théâtre.»

(Ariane MNOUCHKINE, Préf. au *Théâtre en France*, sous la direction de Jacqueline de Jomaron, 1998)

CONCLUSÃO

Em um sábado de agosto de 2010, conversando com uma senhora de uma certa idade, eu perguntei se ela conheceu o *Théâtre de Guignol*, ela me respondeu com um brilho nos olhos: “*Mas claro que eu conheci!*” Ela confessou que só acompanhava seu neto porque ela guardou boas lembranças desta época. Para ela o Guignol era um *rendez-vous* de sua infância; principalmente numa época onde não existia muitas atividades culturais para crianças. Além do mais, a televisão não existia ainda e o cinema era muito caro. A esta época era uma alegria ir ao *Guignol de la Pépinière*. E de uma certa forma, ainda hoje, o *Guignol de la Pépinière* continua a trazer espectadores para a Pépinière de Nancy. É esta a força de um espaço cheio de boas recordações e de uma tradição familiar e popular, que perdura após várias gerações de público! Com o passar do tempo, este espaço se tornou uma verdadeira instituição para os habitantes da cidade de Nancy e municípios vizinhos. Além do mais, ele é situado em um parque repleto de histórias. O teatro: *Guignol de la Pépinière* atualmente, *Les Marionnettes de la Pépinière* é um lugar privilegiado, ele se encontra cercado por jardins de um parque que é uma espécie de pulmão verde da cidade de Nancy. Em outros termos, é um pequeno teatro que vive dentro de outro, maior e popular da cidade: a Pépinière, lugar de encontros, de festas e de manifestações, quase tão importante quanto a Praça Stanislas (praça turística da cidade, com grandes portas de bronze com detalhes revestidos com folhas de ouro).

Para a companhia *Les Comptoirs du rêve* é talvez um pouco cedo para dizer, mas podemos esperar que as primeiras crianças espectadoras, que um dia no futuro, levem seus próprios filhos para ver os espetáculos na Pépinière, perpetuando assim um encontro teatral que dura desde 1934, e que continua ainda a iluminar os olhos das crianças e a proporcionar alegrias, sonhos e fantasias aos pequenos habitantes de Nancy.

Este espaço guarda boas lembranças, desde os espetáculos e as animações barulhentas, um pouco improvisadas do início com Paul Cordier, aos espetáculos e a organização impecável dos Zilliox, até a mudança e a descoberta de um novo gênero com Philippe Mercy.

O nancéens tem motivos para se orgulhar de ter, no coração da cidade, um lugar tão carregado de história e repleto de emoções. Um grande *bravo* ao senhor Cordier, que mesmo após ter encontrado seu teatro pilhado e destruído pelos nazistas, não deixou a peteca cair. Sem indenização e com os seus próprios meios, ele coloca em funcionamento seu Castelet, para a felicidade das crianças numa Nancy de pós guerra. Talvez devemos a ele o fato de existir hoje um espaço fixo reservado a arte da marionete; ele foi o precursor e, de uma certa forma, abre as portas do *Théâtre de Guignol de la Pepinière* de Nancy para seus dois sucessores: Zilliox, e seu contemporâneo Mercy. Para concluir, sem terminar realmente, eu cito *Raymond HUMBERT* “*Longue vie et qualité de vie à la marionnette, et à Guignol de conclure: - Je suis aussi bien que les autres!*”⁴¹.

⁴¹ *Raymond HUMBERT, La Vie des Marionnettes, Ed. Dessain et Torla, 1987, P.79.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao terminar meu curso de Licenciatura em Teatro na França estava com planos de fazer um Mestrado de Teatro na Universidade Paris 8 na cidade de Saint Denis, Porém, naquele ano não consegui vaga na cidade universitária. Então resolvi fazer uma Especialização em Artes Cênicas na cidade de Nancy mesmo (acho que seria o equivalente a uma Pós Graduação no Brasil). Alguns meses antes de terminar o ano, meu pai vem a falecer em um acidente. Um ano antes minha vó também havia falecido e naquele ano foi meu pai, de uma forma brutal, e eu ainda estava na França. A morte do meu pai foi outro divisor de águas : larguei meus cursos, após um grande período de depressão e muita tristeza, decidi que voltaria para o Brasil. Um dia, ainda na França, pesquisando algumas possibilidades de emprego na minha área no Sul do Brasil, vi o anúncio do Concurso para o Magistério. Então, ao chegar no Brasil, me inscrevi, fiz a prova e passei. Fui chamada durante o meu período de revalidação de diploma.

Hoje estou feliz em estar no Brasil, próximo da minha família, e estudando na melhor universidade do país. Este é para mim um momento de transição e que espero abrirá novas perspectivas: e assim além de dar aulas, quem sabe eu possa um dia fazer meu Mestrado de Artes Cênicas aqui na UFRGS ou até mesmo fora do país. Para a “arteira” que sou, vinda de onde eu vim, nada é impossível! E como dizia minha avó: *“Basta querer bem forte, acordar cedo e trabalhar muito para que nossos sonhos virem realidade.”* Quando se quer algo com muita força de vontade, se consegue, independente das dificuldades do percurso.

Não sei se foi a escolinha no galpão, as contações de história da minha tia, as cantorias dramatizadas dos Ternos de Reis ou as danças cênicas do Maçambique que me levaram um dia a pensar em ser professora de arte. Mas de uma coisa eu sei, todas estas vivências que tive quando criança, me fizeram ser uma pessoa sensível, curiosa e aberta para o mundo, em toda sua diversidade.

Até o momento não sei ao certo que direção orientar minha pesquisa de Mestrado, mas, talvez, busque melhor nas minhas vivências e aí encontre boas pistas. Por enquanto, para não perder o hábito, tento manter viva dentro de mim a criança “arteira” e curiosa que fui, para que, apesar das dificuldades, eu não perca o amor pela arte, e continue batalhando para concretizar meus projetos.

REFERÊNCIAS

Livros:

GILLES Annie, *Le jeu de la marionnette: l'objet intermédiaire et son metathéâtre*,

Ed. Presses Universitaires de Nancy, 1987

FOURNE Paul, « *Guignol* » *Les Mourguet* - Ed du Seuil, 1995

HUMBERT Raymond, *La Vie des Marionnettes*, Ed. Dessain et Torla, 1987

Jornal:

La Pépinière de Nancy:

La Lorraine (21eme année – n°10) du 15 mai 1903

Zilliox:

Sans Nom, *Republicain Lorrain* du 2 avril 1969

Sans Nom, *Republicain Lorrain* du 4 avril 1969

Sans Nom, *Republicain Lorrain* du 29 septembre 1969

Mercy:

GUTARD Ghislain, *L'Est Républicain* du 30 avril 1998

GODOT Jacques, *L'Est Républicain* du 13 mai 1999

Sans Nom, *L'Est Républicain* du 26 juillet 1999

LINO Stephane, *L'Est Républicain* du 29 août 1999

Documentos de Arquivo:

Archives Municipales de La Ville de Nancy - 3 Rue Henri Bazin:

ZILLIOX Jean, *Rapport d'Activité Société Guignol de France 1956 -Série O 663*

Affaire : Paul Cordier _ Service Contentieux 03/12/1953 – document dans la Classeur M. Cordier-Série M55

Affiches de M. Cordier - *Série M55*

Concession du Théâtre de Guignol de la Pépinière 1938, M. Cordier - Série M55

Lettre du Syndicat National de Guignolistes et Marionnettistes du 10 juillet 1955-Série M55

Lettre de Mr Cordier au Maire de Nancy datant du 27 janvier 1951 - **Série O 663**

Affiches de Mr Zilliox - *Série O 663*.

Concession du Théâtre de Guignol de la Pépinière-1955 - Série O 663

Fotos:

Espectáculos de *La Compagnie Les Comptoirs du Rêve* : *Sirenes* ; *Babayaga la Sorcière* ; *Yori et Cracado* ; *Boulli et le caillou Magique* ; *La Sorcière des Sables* ; *Sorcières* ; *Les Sirènes* ; *Spéleo* - deRosi Neida Soares, 2010.

O Teatro da Pépinière: « Les Marionnettes de la Pépinière » - Rosi Da Silva Soares, 2010

O Castelet de la pépinière - Jean Zilliox, 1955

Kermesses et défiles dans la Pépinière de Nancy en 1900

Videos:

Espectáculos de *La Compagnie Les Comptoirs du Rêve* : *Babayaga la Sorcière* ; *Boulli et le caillou Magique* ; *Vertigo* - Rosi Neida Soares, 2010.

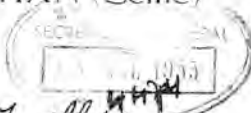
1. Documentos de Arquivo:

SYNDICAT NATIONAL DES GUIGNOLISTES & MARIONNETTISTES

Syndicat légal de Défense Professionnelle
Enregistré sous le N° 591 B

Siège Social : 7, Rue des Jardins - CACHAN (Seine)

Tél : ALÉSIA 14-96



Cachan, le 10 Juillet 1975

M. Huriet

Monsieur le Maire de la Ville de Nancy,

Monsieur le Maire,

Monsieur Cordier, concessionnaire du théâtre guignol de la "Fépière", nous fait connaître que vous envisagez la reconstruction du guignol, et bien qu'ayant assuré les spectacles pendant 20 années, vous le remerciez et lui renouveller pas cette année. Vous alliguez, qu'il était inscrit au Bureau de Bienfaisance, et vu son grand âge vous le remerciez. Peut être Monsieur Cordier n'exploitait pas lui même son Costelet.

Nous vous demandons Monsieur le Maire, que ce nouveau théâtre de Marionnettes, soit attribuer à des Marionnettistes Professionnels, ayant fait leurs preuves, et au cas ou vous auriez plusieurs postulants, de mettre cette concession en adjudication, et aux concurrents donnant les plus grandes garanties professionnelles. Veuillez agréer Monsieur le Maire l'assurance de nos sentiments les plus respectueux
P.S. Le secrétaire pour le Président *Quenthere*

Guignol a dit au revoir à ses jeunes amis

Comme chaque année à pareille époque, Guignol s'apprête à prendre ses quartiers d'hiver. Il ne saurait pourtant pas partir sans conter une dernière fois ses aventures à ses petits amis. Il va sans dire qu'ils ont répondu très nombreux à cette dernière invitation de la saison et qu'ils n'ont pas ménagé leurs applaudissements.

Deux piécettes figuraient au programme : « Guignol déménage » (ce qui est de circonstance) et « Le Retour de Madame la Comtesse ». Elles ont remporté un franc succès.

Au revoir Guignol, et au printemps prochain !

Republicain Genevois
du 29-9-69

Pour la plus grande joie des petits : GUIGNOL est de retour à la Pépinière

Avec les vacances de Pâques, l'ami Guignol a fait sa rentrée dans son petit théâtre de la Pépinière, où ses nombreux jeunes amis l'attendaient avec impatience.

Pour son retour, il leur a fait oublier le froid et la pluie, en leur racontant l'histoire étonnante d'Ali Baba et des 40 voleurs. Bien sûr, ces aventures lui ont valu une belle moisson d'applaudissements.

Pendant toutes les vacances de Pâques et d'été, Guignol sera présent à la Pépinière le dimanche, le mardi, le jeudi et les jours fériés à 15 h. 15.

Pour ses jeunes amis il a mis au point sept grands galas nouveaux, dont voici les titres : « Les Cigognes sont de retour » (5 tableaux avec ballet alsacien) ; « L'Aérolithe du pôle » ; « Le Totem d'argent », avec danses canadiennes et in-

diennes » ; « L'Enfant prodigue » ; « Guignol aux sports d'hiver » ; « Guignol et Peau d'Ane » ; « Guignol astronaute ».

Les enfants pourront également suivre un grand gala avec présentation nouvelle : « Le Petit Poucet, sauvé par Guignol », et deux pièces de 30 minutes : « Le Cuisinier de M. le comte Arebour » et « Guignol troubadour ».

Republicain Genevois
du 2 avril 1969

Guignol intronisé officiellement pour l'année 1969



Républicain Lorrain du 4-4-69

Depuis mardi dernier, Guignol est revenu, comme tous les ans à cette époque, pour charmer, amuser et intéresser tous les publics. Les enfants, bien sûr, sont les plus heureux et ce retour les comble. Pour la municipalité de Nancy, c'est également une petite fête.

Ainsi, pour marquer l'ouverture de la saison 1969, au Castelet de la Pépinière, une réception a été organisée hier, à l'issue de la représentation.

Nombreuses sont les personnalités municipales qui ont tenu à y assister. MM. Zilliox père, et fils, auxquels ont été offerts ce charmant spectacle, présidaient cette sympathique réunion.

En l'absence du Dr Weber, député-maire, et de Madame, empêchés, c'est M. Duroch, adjoint au comité des fêtes, qui prit la parole à la suite de M. Zilliox. Ce dernier avait tenu à remercier la municipalité de l'accueil qu'elle lui réserve chaque année depuis déjà 14 ans.

Chaque fois d'ailleurs une amélioration rend plus confortable le Castelet de la Pépinière. Remerciant donc la ville de Nancy, de ses efforts constants, principalement les services architecturaux et ceux de la Pépinière, M. Zilliox rappela qu'il assurait lui-même la création de ses spectacles. Dix pièces nouvelles sont ainsi prévues. M. Duroch porta alors un toast au succès toujours grandissant de Guignol. Il regretta l'absence de M. Jacques Huriot, président du comité des fêtes, actuellement souffrant. Mme Huriot le rassura pourtant. A ses côtés se trouvaient MM. Jacquet, Barthélemy, Mme Valette, conseillers municipaux ; MM. Thill, Dufourcq, des services architecturaux ; Huet, directeur du service des promenades ; Boudrot, secrétaire générale du comité des fêtes. M. Lefebvre, secrétaire général de mairie, empêché, s'était fait excuser.

Guignol a aimablement reçu les officiels nancéiens



Une boucle blonde dans l'œil, mordant à pleines dents dans une énorme gaufre tout aussi blonde, une petite bonne femme, debout sur sa chaise, suit avec le plus vif intérêt les aventures de Gui-

gnol et de la comtesse Solange... Elle n'est pas la seule. Autour, garçons et filles sont aussi en haleine... entre deux bonbons. Même les plus petits, douillettement installés dans leur landau, jettent un regard intéressé vers la scène.

C'est ça le miracle du « Guignol de France ». Ah ! oui, je vous le dis, cher Guignol, vous n'avez rien à craindre de la concurrence des moyens audiovisuels les plus modernes.

Vous êtes si charmant, si vivant, si drôle, si présent, que l'on ne vous résiste pas. Il suffit que vous paraissiez, que vous parliez pour que l'on vous soit tout acquis.

Pour marquer votre quatorzième retour au castelet de la Pépinière toujours plus confortable (Avez-vous remarqué le nouveau

sol et le nouvel avant-toit ?) une cérémonie officielle réunissait, hier après-midi, dans les coulisses, plusieurs membres du conseil municipal, hôtes de MM. Zilliox, père et fils, ceux qui vous ont le mieux compris, servi et fait aimer.

Au milieu des fleurs, entre deux petits gâteaux et deux coupes de champagne, un grand merci fut adressé à la municipalité dont le représentant M. Duroch forma aussitôt des vœux pour la saison 1969 qui s'annonce le mieux du monde. Il y avait aussi Mmes Huriet, Vallette, MM. Jacquet, Barthelemy, du conseil municipal; Boudrot, du Comité des fêtes; Thil, du service architecture, et Huet, du service des promenades, ainsi que plusieurs de leurs collaborateurs, c'est-à-dire tous ceux qui songent à faire plaisir aux petits enfants.

qui est ne circonstan
tour de Madame la C
ont ramporté un fran
Au revoir Guignol,
prochain !

Republ
du 2

COMMUNIQUE

GUIGNOL DE LA PÉPINIÈRE

La réouverture du Guignol de la Pépinière aura lieu aujourd'hui, 1er Avril à 15 h. 15, dans l'installation entièrement couverte et chauffée qui a été réalisée grâce à l'appui de la Municipalité.

Les parents pourront donc envoyer leurs enfants assister aux représentations, quel que soit le temps, sans craindre les rhumes.

Le programme de cette 1ère représentation de l'après-midi :

Mlle Baba et les 40 Voleurs

Conte oriental en 2 actes et 6 tableaux.

Pendant les vacances de Pâques, Guignol sera ouvert les mardi, jeudi, dimanche et jours fériés à 15 h. 15.

Spectacle permanent, de 15 h 15 à 17 h, les dimanches et jours fériés.

Avec prière de bien vouloir insérer

DESTINATAIRES :

L'EST REPUBLICAIN
LE REPUBLICAIN LORRAIN
O.R.T.F.

Remerciements.

VILLE DE NANCY

Concession du droit d'exploiter le Théâtre Guignol édifié par la
Ville de NANCY dans l'enceinte de la Pépinière

Entre les soussignés :

M. Raymond PINCHARD, Sénateur de Meurthe-et-Moselle, Maire de la
Ville de NANCY, agissent aux présentes pour et au nom de la dite
Ville, en vertu d'une délibération du Conseil municipal du
Moselle le

d'une part;

et M. Jean ZILLIOX, demeurant à REMIREMONT, 70 Boulevard Thiers,
Directeur du "GUIGNOL DE FRANCE",

d'autre part.

Il a été convenu ce qui suit :

M. R. PINCHARD concède à M. Jean ZILLIOX, le droit
d'exploiter le Théâtre de marionnettes, dit "Guignol", édifié et
installé par la Ville à l'intérieur de la Pépinière, et ce pour
une durée d'un an à compter du 1er Avril 1956, pour prendre fin le
31 Mars 1957.

DESIGNATION

Une installation à usage de théâtre de marionnettes com-
portant : une estrade, un local à usage de bureau y attenant, une
enceinte clôturée contenant 212 places assises et un local à usage
de guichet, le tout appartenant à la Ville de NANCY et parfaitement
connu du concessionnaire.

La ^{Construction} clôture de cette enceinte sera réalisée par la Ville
et aux frais de cette dernière en 3 années, par tiers, au moyen de
toiles mobiles.

CHARGES ET CONDITIONS

La présente concession est accordée avec les charges et
aux conditions suivantes que le bénéficiaire s'oblige à exécuter :

1°) Etat - Il prendra l'installation dans l'état où elle
se trouve actuellement, sans pouvoir, à aucune époque, ni sous aucun
prétexte, exiger de la Ville aucune modification ni aucun aménagement,
de quelque nature qu'ils soient.

2°) Servitudes - Il souffrira les servitudes passives,
apparentes ou occultes, qui peuvent grever l'emplacement concédé,
sans aucun recours contre la Ville.

.../...

3°) Impôts - Toutes les contributions afférentes aux installations et à l'exploitation envisagées seront à la charge du concessionnaire.

4°) Cas forfaits - Il supportera les conséquences de tous cas forfaits, prévus ou imprévus, tels notamment que grêle, gelée, ouragan, ruptures de canalisations d'eau, obstruction des égouts, inondations, affaissements de terrains, etc...

5°) Assurances - Le concessionnaire renonce formellement à tout recours contre la Ville au titre de la responsabilité civile de cette dernière, du fait ou à l'occasion de cette concession, à quelque titre et pour quelque cause que ce soit, notamment vols, incendie, dégâts consécutifs à des chutes d'arbres ou de branches, accidents au personnel employé et aux spectateurs et tous accidents généralement quelconques. Le concessionnaire devra justifier qu'il s'est assuré contre tous les risques résultant de son exploitation et de ce que la police par lui contractée, auprès d'une Compagnie agréée par la Ville, contient la renonciation formelle ci-dessus énoncée.

6°) Interdiction de céder - Le concessionnaire ne pourra, en aucun cas, sans l'agrément préalable de la Ville, céder le bénéfice de sa concession, ni louer, en tout ou en partie, l'emplacement concédé, ni changer la destination de l'installation qui est uniquement et exclusivement affectée à l'exploitation d'un théâtre de marionnettes.

OBLIGATION D'EXPLOITER UN THEATRE DE MARIONNETTES

Le concessionnaire déclare avoir pleinement satisfait aux conditions imposées aux entrepreneurs de spectacles (5° catégorie) par l'ordonnance 45-2339 du 13 Octobre 1945 et le décret n° 45-2357 du même jour, portant règlement d'administration publique pour l'application des articles 4 et 5 de l'ordonnance sus-indiquée, relative aux spectacles.

Il s'engage à satisfaire à ces conditions pendant toute la durée de la concession et s'oblige à assurer les spectacles de marionnettes dans l'installation concédée dès l'ouverture de la saison 1956.

Le charge des aménagements intérieurs à venir et de l'entretien de l'installation incombera entièrement et exclusivement au concessionnaire.

Ce dernier devra assurer l'exploitation du théâtre, pour autant que le temps le permettra, aux jours et heures à fixer par entente avec le Service des Promenades.

Le spectacle sera accessible au public; les spectateurs verseront un prix d'entrée qui devra correspondre aux prix moyens pratiqués pour des spectacles analogues et les tarifs appliqués devront recevoir l'agrément de la Ville.

.../...

Pour la première année, le prix des places sera de 50 fra maximum par séance.

RÈGLEMENT GENERAL

Le concessionnaire et son personnel seront tenus de se conformer à toutes les prescriptions contenues dans les arrêtés du Maire, aux règlements de police de la Pépinière, ainsi qu'à toutes injonctions qui leur seront faites par les représentants de l'autorité municipale, en vue d'assurer le maintien du bon ordre, de la décence et de la propreté, à l'intérieur et aux abords du théâtre.

Il est formellement interdit au concessionnaire de vendre des boissons, consommations, articles de confiserie, gâteaux, et d'installer ou d'exploiter, directement ou indirectement, à l'intérieur des lieux concédés, un commerce susceptible de concurrencer le chalet-buvette de la Pépinière.

Toute publicité de caractère commercial, visuelle ou sonore, sera interdite à l'intérieur comme à l'extérieur de l'enceinte du théâtre. Seul, le programme des spectacles pourra être affiché à l'entrée du Guignol.

En accord avec l'Administration des panneaux annonçant les spectacles pourront être également installés aux entrées de la Pépinière.

CONDITIONS PARTICULIERES

Les spectacles devront toujours respecter le bon goût et être irréprochables au point de vue moral. De manière à satisfaire les jeunes spectateurs et leurs parents. L'Administration municipale se réserve le droit d'intervenir et d'exiger, le cas échéant, le retrait des scènes ou pièces qu'elle estimerait ne pas remplir ces conditions, sans que le concessionnaire puisse demander à la Ville une indemnité quelconque en ce cas.

Les appareils de sonorisation qui seraient utilisés par le concessionnaire seront disposés et réglés de manière à ce que leur portée sonore soit limitée à l'intérieur de l'enceinte du théâtre et qu'ils ne puissent, en aucun cas, troubler la tranquillité des promeneurs fréquentant la Pépinière.

Les spectacles donnés seront, en principe, destinés aux enfants; si des représentations avaient lieu pour les spectateurs adultes, elles ne pourraient être données qu'en dehors de la saison du Théâtre municipal et avec l'autorisation expresse de la Ville.

REDEVANCE

Le concessionnaire versera à la Ville, pour l'année de concession, une redevance fixée à quatre vingt mille francs.

Le règlement en aura lieu en deux termes égaux, le premier étant exigible le premier mai mil neuf cent cinquante six, le solde

devant être versé le trente Novembre de la même année.

CHARGES

Le concessionnaire devra rembourser à la Ville le prix de l'énergie électrique qui lui sera fournie par cette dernière; ce règlement aura lieu sur des bases forfaitaires arrêtées entre les parties.

RESILIATION DE LA CONCESSION

La concession pourra être résiliée sans indemnité, à tout moment, par la Ville de NANCY, quinze jours après une mise en demeure restée sans effet, en cas d'inobservation des clauses du présent contrat par le concessionnaire.

FRAIS ET ENREGISTREMENT

Les droits de timbre et d'enregistrement du présent traité seront à la charge du concessionnaire et par lui payés au comptant.

Fait double à NANCY, le

LE MAIRE,

LE CONCESSIONNAIRE,

Pour toutes matinées enfantines

faites revenir le

GUIGNOL DE FRANCE

Direction : J. ZILLIOX

LE PLUS BEAU THÉÂTRE GUIGNOL
LE PLUS GRAND QUI VOYAGE



AVEC

UN CASTELET GÉANT
DES MARIONNETTES TRÈS ARTISTIQUES
DES DÉCORS SPLENDIDES
À MISE EN SCÈNE LUXUEUSE

De la bonne et saine
gaîté FRANÇAISE
Répertoire varié et
spécialement choisi
Le seul spectacle qui
réjouisse pleinement les enfants

A GUIGNOL tout le monde est jeune et toujours content

NOMBREUSES RÉFÉRENCES

LICENCE de l'Education Nationale et des ARTS et LETTRES n° 2507

**Le GUIGNOL de FRANCE assure la direction artistique
du GUIGNOL de la PÉPINIÈRE, de NANCY**



Et, depuis 1950,
Saisons Estivales annuelles à VITTEL, CONTREXÉVILLE, PLOMBIÈRES-les-BAINS, GÉRARDMER
Toujours 100 % de succès

RÉPERTOIRE SPÉCIAL pour : Matinées Enfantines, Ecoles, Casinos, Fête de St-Nicolas, Arbres de Noël,
Fête des Rois, Bals d'Enfants costumés, Foires Commerciales, Fêtes des Mères, Kermesses, Salons, etc...

Pour traiter, adresser la correspondance à

M. J. ZILLIOX, 70^A, Boulevard Thiers, REMIREMONT (Vosges)



LE GUIGNOL de la PÉPINIÈRE
de NANCY

Direction : J. ZILLIOX

70^A, Boulevard Thiers, à REMIREMONT (Vosges) - Tél. 62-08-19

Vous prie de vouloir bien honorer de votre présence le

Gala d'Ouverture de la Saison 1968

qui aura lieu au CASTELET de la PÉPINIÈRE

le JEUDI 4 AVRIL 1968

et à la réception traditionnelle qui précèdera à 14 h. 45.

LAUZ-PÉPIN - REMIREMONT



LE GUIGNOL de la PÉPINIÈRE
de NANCY

Direction : J. ZILLIOX

70^A, Boulevard Thiers, à REMIREMONT (Vosges) - Tél. 819

Vous prie de vouloir bien honorer de votre présence le

Gala d'Ouverture de la Saison 1969

qui aura lieu au CASTELET de la PÉPINIÈRE

le Mardi 1^{er} AVRIL 1969 à 15 heures

et à la Réception traditionnelle qui fera suite à 16 h. 30.

LAUZ-PÉPIN - REMIREMONT



Guignol de la Pépinière de Nancy

Direction : J. ZILLIOX

70 A, Boulevard Thiers, REMIREMONT (Vosges) - Tél. 839

Carte Permanente et Familiale

d'Entrée Gratuite

pour la saison **1969**

à M

LAUZ-PÉPIN - REMIREMONT

2. Fotos:

Sorcier des Sables – Les Comptoirs du Rêve – 2010.



Sorcier des Sable – Les Comptoirs du Rêve – 2010



Les Sirènes –Les Comptoirs du Rêve - 2010



Les Sirènes –Les Comptoirs du Rêve – 2010



Sorciers –Les Comptoirs du Rêve - 2010



Sorciers –Les Comptoirs du Rêve - 2010



Babayaga, la Sorcier –Les Comptoirs du Rêve - 2010



Babayaga, la Sorcier –Les Comptoirs du Rêve - 2010



Vertigo, l'Araignée Malicieuse –Les Comptoirs du Rêve - 2010



Vertigo, l'Araignée Malicieuse –Les Comptoirs du Rêve – 2010



Spéleo –Les Comptoirs du Rêve - 2010



Spéleo –Les Comptoirs du Rêve - 2010



Yori et Caracrado - Les Comptoirs du Rêve – 2010



Yori et Caracrado - Les Comptoirs du Rêve – 2010



Kermesse dans la Pépinière de Nancy -1913

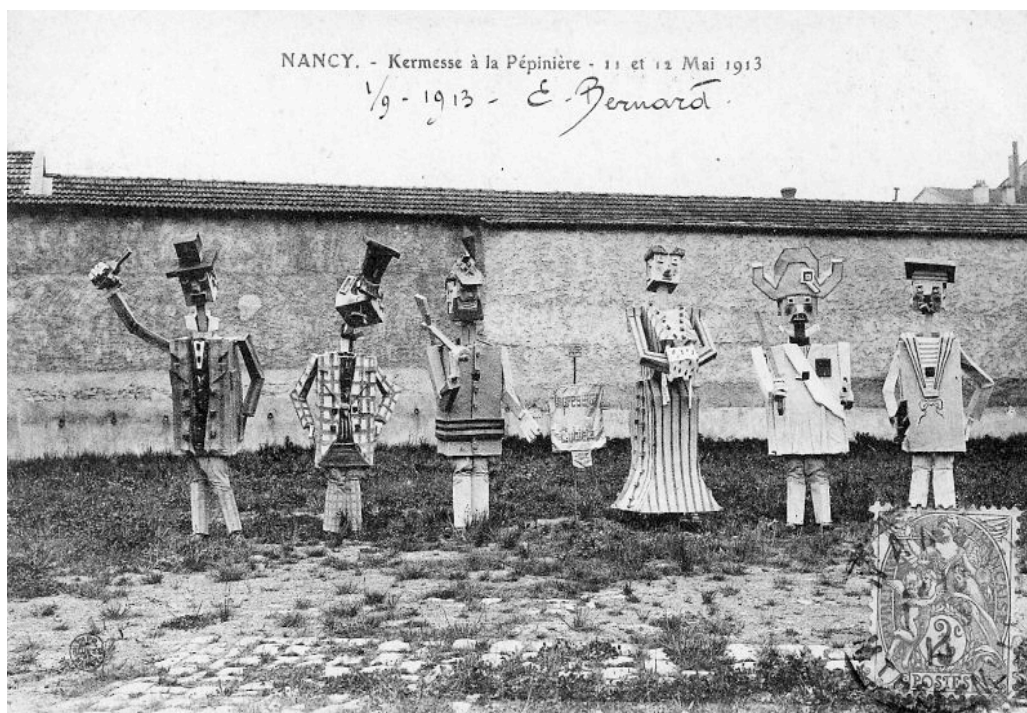


Photo du Théâtre de Castelet de La Pépinière- 1955





Videos:

Espetaculos de *La Compagnie Les Comptoirs du Rêve* no CD:

1- *Babayaga la Sorcière*, 2010.

2- *Boulli et le caillou Magique*, 2010.

3- *Vertigo*, 2010.